

## **Análise da cobertura de música pelo jornal Público**

**Adriana Maia Dias**

**Relatório de Estágio de Mestrado  
em Jornalismo**

**Maio, 2017**



**Relatório de estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, realizado sob a orientação científica da Professora Dora Santos Silva.**

## **AGRADECIMENTOS**

À música, por me ter salvo a vida.

Aos músicos, sejam eles cobertos pela imprensa ou não, que me marcam e me tornam melhor pessoa.

À família e amigos, pela presença. Ou porque não se explica tudo numa frase.

Aos professores que não desistem de ensinar.

Aos jornalistas do PÚBLICO que me souberam fazer sentir parte da equipa.

Ao Kurt Cobain da Avenida da República, por ser uma personagem fundamental do meu percurso universitário. Mesmo que não o saiba.

Aos vizinhos que forçosamente aceitam o meu gosto musical e não se queixam.

À Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, obviamente.

## **ANÁLISE DA COBERTURA DE MÚSICA PELO JORNAL PÚBLICO**

**[Analysis of music coverage by newspaper PÚBLICO]**

**ADRIANA MAIA DIAS**

### **RESUMO**

Este relatório pretende descrever o trabalho realizado durante o estágio curricular de mestrado na secção de cultura do jornal diário PÚBLICO, entre Setembro e Novembro de 2016. Além de fazer uma descrição do estágio e do trabalho aí realizado, o relatório cobre ainda o tema do jornalismo cultural em Portugal, concentrando-se no jornalismo de música, fazendo com maior detalhe, num estudo de caso, uma análise da cobertura de música pelo PÚBLICO.

O relatório pretende dar uma visão pessoal de como foi a experiência do estágio curricular, salientando pontos fortes e fracos e enumerando os trabalhos mais importantes durante a experiência. Relativamente ao tema da cobertura de música deste jornal, o relatório pretende estudar dados recolhidos durante o estágio, referindo quais os principais tópicos que definem o jornalismo de música do PÚBLICO. Para tal, analisa todos os artigos de música publicados durante um mês estruturado, complementando essa análise com entrevistas aos principais jornalistas de música do PÚBLICO. Através desses resultados, a principal conclusão a que se chega é que o jornalismo de música do PÚBLICO é sobretudo de agenda, centrando-se no artista, sendo que a música com maior expressão nas páginas do jornal é anglo-saxónica, apesar da importância dada também à música nacional.

**Palavras-chave:** jornalismo cultural; PÚBLICO; estágio; música; crítica musical.

## **ABSTRACT**

This report describes the work realized during my internship in the culture section of PÚBLICO, between September and November 2016. Besides describing the internship and the work done there, the report covers the theme of cultural journalism in Portugal and particularly in this newspaper, focusing in musical journalism.

The report intends to give a personal vision of the internship experience, with its pros and cons, and enumerate the most important pieces I've done during the internship. Concerning the theme of musical journalism in this newspaper, the report studies collected data during that time, referring which are the main topics that define musical journalism in PÚBLICO. In order to that, it analyzes every music article published in a structured month, complementing that analysis with interviews to the main music journalists in PÚBLICO. The results lead to the conclusion that musical journalism in PÚBLICO is mainly agenda journalism, focusing itself on the artist, with Anglo-Saxon music having the biggest expression, although Portuguese music is also very important.

**Keywords:** cultural journalism; PÚBLICO; internship; music; musical critic.

## ÍNDICE

Introdução.....	1
Capítulo I: Caracterização do órgão de comunicação e do estágio.....	3
I. 1. o jornal PÚBLICO .....	3
I. 2. Estagiar no PÚBLICO.....	5
Capítulo II: Enquadramento teórico.....	11
II. 1. Definição e enquadramento do conceito de cultura.....	11
II. 2. Definições sobre jornalismo cultural.....	14
II. 3. Jornalismo cultural em Portugal.....	18
II. 4. Jornalismo de música em Portugal.....	21
Capítulo III: Cobertura de música pelo jornal PÚBLICO.....	25
III. 1. Jornalismo de música no PÚBLICO.....	25
III. 2. Metodologia usada.....	30
III. 3. Análise de dados.....	32
Conclusão.....	39
Bibliografia.....	41
Anexo A: Estatuto editorial.....	i
Anexo B: Exemplos de trabalhos realizados.....	iii
Anexo C: Entrevistas a jornalistas do PÚBLICO.....	xxxix

## INTRODUÇÃO

*“Well never mind,*

*We are ugly, but we have the music.”*

(Leonard Cohen)

Se o jornalismo é considerado por muitos o quarto poder, há que dizer que essa visão parece restringir-se ao jornalismo político, económico ou de sociedade, pelo menos em Portugal. Actualmente, o jornalismo cultural no nosso país parece ainda estar em segundo plano.

Tal acontece em todas as áreas da cultura que o jornalismo cobre. A música, por isso, e ainda que seja uma das áreas a que se dá maior importância, não é excepção. Em Portugal, o jornalismo de música tem passado por diferentes momentos e fases, mas está ainda longe do que se faz em outros países da Europa.

O presente trabalho nasce de três meses de estágio curricular no jornal PÚBLICO, na secção de cultura, e tem como objectivo fazer um estudo de caso sobre a cobertura de música neste órgão de comunicação.

Para tal, segue três pontos principais: uma descrição do órgão de comunicação e da experiência do estágio curricular; uma explicação do que é cultura e jornalismo cultural, bem como uma apresentação do jornalismo de música em Portugal; por último, uma definição do jornalismo de música no PÚBLICO, para a qual foram analisados dados recolhidos durante o período de estágio.

O primeiro capítulo dedica-se ao primeiro ponto referido: uma descrição do PÚBLICO, através de uma breve história do jornal e referindo a organização das principais secções do mesmo. Este capítulo dedica-se também à experiência do estágio, relatando quais as principais tarefas e destacando os trabalhos de maior envergadura, salientando ainda pontos fracos e fortes da experiência.

O segundo capítulo, de enquadramento teórico, aborda o segundo ponto anteriormente referido. Deste modo, pretende ilustrar e definir conceitos como cultura e jornalismo cultural, concentrando-se no caso português e particularmente no jornalismo de música a nível nacional.

Por último, o terceiro capítulo aborda o terceiro ponto, analisando a cobertura de música realizada pelo PÚBLICO, apresentando para tal um estudo de caso – análise dos artigos de música publicados durante um mês estruturado, utilizando variáveis como enquadramento, valor-notícia e localização das peças, entre outras – de forma a poder caracterizar devidamente esta área do jornalismo cultural do PÚBLICO.

## Capítulo I: Caracterização do órgão de comunicação e do estágio

### I. 1. - O jornal PÚBLICO

Fundado em 1990, com a primeira edição a ser publicada a 5 de Março do mesmo ano, o jornal generalista diário PÚBLICO, pertencente ao grupo Sonae, tem sede na Maia e redacções no Porto e em Lisboa. A direcção do jornal esteve a cargo, desde a fundação, de diferentes directores: Vicente Jorge Silva, Francisco Sarsfield Cabral, Nicolau Santos, José Manuel Fernandes, Bárbara Reis e, actualmente, David Dinis, que conta com Diogo Queiroz de Andrade, Tiago Luz Pedro e Vítor Costa como directores-adjuntos.

No estatuto editorial do PÚBLICO, pode ler-se que o jornal pretende ser um meio de comunicação independente, inscrevendo-se “numa tradição europeia de jornalismo exigente e de qualidade, recusando o sensacionalismo e a exploração mercantil da matéria informativa”, em que se afirma apenas responsável perante os leitores. O jornal considera ainda que manter a opinião pública bem informada é “condição fundamental da democracia”<sup>1</sup>

Para apostar, como pretende no estatuto editorial, “numa informação diversificada, abrangendo os mais variados campos de actividade e correspondendo às motivações e interesses de um público plural”, o PÚBLICO conta com nove secções principais: política, sociedade, mundo, economia, online, local, cultura, desporto e ciência. Sónia Sapage edita a secção de política, Andreia Sanches a de sociedade, Ana Gomes Ferreira é a editora da secção mundo, Luís Villalobos edita economia, Bárbara Wong é a editora de online, coordenando também a secção Life&Style, Ana Fernandes a de local. Isabel Coutinho e Inês Nadais são as editoras de cultura, Jorge Miguel Matias e Nuno Sousa editam desporto, Teresa Firmino é a editora de ciência, Sandra Silva Costa edita Fugas. Contam-se, entre as redacções de Lisboa e do Porto, mais de uma centena de jornalistas. Entre as diferentes secções trabalham ainda vários estagiários (curriculares e profissionais).

---

<sup>1</sup> Ver anexo A – estatuto editorial do PÚBLICO.

O jornal tem vários suplementos, entre os quais o suplemento imobiliário, publicado às quartas-feiras, o suplemento cultural Ípsilon, à sexta-feira, o suplemento de viagens e lazer Fugas, ao sábado, o suplemento P2, ao domingo, e o humorístico Inimigo PÚBLICO. Mais recentemente, em Novembro de 2016, surgiu o suplemento Culto, dedicado sobretudo a *lifestyle*. O suplemento Ípsilon, existente desde 2007, reúne os anteriores suplementos culturais que o jornal teve ao longo dos tempos, como Mil Folhas, Y e Sons.

Segundo o livro de estilo do jornal, o PÚBLICO tem como referências os diários norte-americanos The New York Times e The Washington Post, bem como os diários El País (Espanha), La Repubblica (Itália) e Le Monde (França), ainda que também jornais diários britânicos como The Guardian e The Independent sejam igualmente consultados, sobretudo em versão digital.

O PÚBLICO integrou-se em 1991 na World Media Network, associação de jornais em que se incluíam também, a título de exemplo, o diário espanhol El País e o italiano La Stampa. Foi o primeiro jornal em Portugal a publicar artigos colecionáveis (fá-lo desde 1992), tais como CDs, livros ou suplementos especiais, entre outros.

Em 1995, o jornal criou o seu site oficial ([www.publico.pt](http://www.publico.pt)), em que se pode aceder a uma série de artigos gratuitos ou a todos os conteúdos através de pagamento de assinatura. O [publico.pt](http://www.publico.pt) tem uma espécie de freemium wall – permite ler até um dado número de artigos por mês. No site tem-se acesso a, além de diversos artigos e mesmo da edição impressa (só para assinantes), agendas culturais e sites exclusivos, como Cinecartaz e Guia do Lazer, mostrando que a aposta do PÚBLICO no ambiente digital tem sido cada vez maior nos últimos anos. Como se afirma no estatuto editorial, o jornal pretende estar “em sintonia com o processo de mudanças tecnológicas e de civilização no espaço público contemporâneo”.

Há dois projectos exclusivos do PÚBLICO online: Life&Style e P3, o primeiro dedicado a novas tendências, moda e estilos de vida, e o segundo para uma camada de leitores mais jovens, com o lema “tratamos tudo por tu”. Nos princípios da versão digital, em 1995, o PÚBLICO apenas partilhava no site alguns dos artigos da versão impressa (o que não espanta, dado que o ciberjornalismo em Portugal estava

igualmente no princípio). Posteriormente, a versão impressa viria a estar disponível por inteiro no site do jornal. O serviço Última Hora teve início em 1999 com o jornalista José Vítor Malheiros. Actualmente, há sempre um grupo rotativo de jornalistas a trabalhar em piquete online.

Ao nível das redes sociais, o PÚBLICO possui uma página de Facebook, bem como perfis no Twitter e no Instagram. Suplementos como Ípsilon e Fugas possuem também páginas de Facebook.

## **I. 2. - Estagiar no PÚBLICO**

A escolha do PÚBLICO como local de estágio prendeu-se sobretudo com a minha maior área de interesse no jornalismo: a cultura. Quando me candidatei para estagiar no jornal, fi-lo com a intenção de estagiar nessa mesma secção. Para tal, achei que teria que fazer uma candidatura “fora da caixa”, já que para mim, um dos grandes sentidos de cultura é criatividade. Em vez de fazer uma carta de apresentação, redigi uma notícia sobre uma nova candidata a estágio no PÚBLICO, cuja área de preferência era a Cultura. Fui aceite.

O estágio curricular de mestrado, com duração total de 400 horas, decorreu de 1 de Setembro de 2016 a 30 de Novembro do mesmo ano, na secção de cultura da redacção de Lisboa, sob a orientação de Isabel Coutinho (editora da secção). Durante esses três meses, trabalhava de segunda a sexta-feira das 10 às 18 horas, com uma hora para almoço.

Durante o período abrangido pelo estágio, trabalhavam na secção de Cultura das instalações do edifício Diogo Cão, na zona ribeirinha de Alcântara, sete jornalistas – Mário Lopes, Vítor Belanciano, Joana Amaral Cardoso, Isabel Coutinho, Lucinda Canelas, Isabel Salema e Vasco Câmara (editor do suplemento Ípsilon). Na secção de cultura da redacção do Porto, o número de jornalistas passava a três – Inês Nadais (editora), Sérgio Costa Andrade e Luís Miguel Queirós. Apesar de ser Isabel Coutinho a

orientadora, quando entrou de férias passou a ser a jornalista e editora de cultura da redacção do Porto, Inês Nadais, a minha orientadora no jornal.

A secção de cultura no PÚBLICO está um pouco afastada do resto da redacção, por motivos relativos à organização do próprio edifício. Enquanto as restantes editorias se encontram ao lado umas das outras, as editorias de cultura e de desporto estão ligeiramente afastadas do resto da redacção por uma parede. É curioso como por vezes isso se notava inclusivamente nos próprios textos e nos comportamentos de alguns jornalistas, que consideravam a cultura “uma secção à parte”, um mundo diferente de outras editorias, talvez não apenas por um certo elitismo, mas também porque infelizmente em Portugal ainda está por dar à cultura a atenção que esta merece.

Durante o estágio, houve algumas alterações relevantes no próprio funcionamento do jornal, dado que a direcção do PÚBLICO mudou a 3 de Outubro de 2016, com o jornalista David Dinis a assumir as funções de director. Mudaram cargos, mudaram funções, mudou o ambiente, e o director passou a ser (ou estar) mais visível.

Ao longo deste período, houve grandes momentos de destaque na área da cultura, não só a nível nacional como internacional. Um dos momentos mais importantes, e sem dúvida o mais surpreendente, deu-se a 13 de Outubro, com a atribuição do prémio Nobel da Literatura a Bob Dylan<sup>2</sup>, que não apenas foi o tema principal da secção de cultura nesse dia, como continuou a ser abordado dias depois devido às sucessivas reacções (ou mesmo falta delas) de Dylan, a culminar no facto de não ter estado presente na cerimónia de entrega do prémio, mas de Patti Smith ter marcado presença e cantado um tema de Dylan<sup>3</sup>.

Houve ainda vários outros acontecimentos que estiveram em destaque na cultura, nomeadamente o lançamento de *Born to Run*, a autobiografia de Bruce

---

<sup>2</sup> <https://www.publico.pt/2016/10/13/culturaipilon/noticia/nobel-da-literatura-para-bob-dylan-1747239> (um dos vários artigos sobre a atribuição do prémio; a escolha deste artigo prende-se com o seu desenvolvimento)

<sup>3</sup> <https://www.publico.pt/2016/12/05/culturaipilon/noticia/bob-dylan-nao-vai-ao-nobel-mas-manda-patti-smith-1753701>

Springsteen<sup>4</sup>, que também originou diferentes artigos, a provar que quando o acontecimento na área da cultura é de relevo, no jornal é frequentemente analisado em mais do que um artigo, e por vezes mais do que por um só jornalista. Também a morte de Leonard Cohen<sup>5</sup> e a queda da estátua de São Miguel no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa<sup>6</sup>, entre outros, foram alguns dos momentos mais importantes na secção de cultura durante o período de estágio.

No estágio, as funções que me atribuíam eram semelhantes às dos jornalistas da casa. Geralmente fazia notícias e breves, sobretudo para alimentar a versão digital do jornal, mas esses artigos saíam frequentemente também na edição impressa. Era também frequente fazer os chamados *flashes* do suplemento cultural Ípsilon ou traduções de artigos de agências estrangeiras como a AFP. No PÚBLICO, não há tempos mortos, nem o estagiário anda a servir cafés. E só assim se consegue aprender o funcionamento e o ambiente de uma redacção de um jornal diário.

No primeiro dia de estágio, as tarefas foram poucas. Tratou-se de um dia de adaptação, por assim dizer, em que me dediquei a conhecer o funcionamento da secção e, mais tarde, a acompanhar um outro estagiário, este da secção de política, numa ida à feira do livro do Palácio de Belém. O objectivo não era que escrevesse nenhum artigo, mas sim perceber como deve o jornalista trabalhar quando sai em reportagem. Foi no dia seguinte que escrevi o meu primeiro artigo, uma notícia sobre o cantor Chris Brown, que após ter sido preso durante 24 horas lançou uma canção. Redigir a notícia foi simples... até ao momento em que percebi que não fazia a mínima ideia de como funcionava o sistema de *back office*. Lá veio a ajuda fundamental do jornalista Mário Lopes, provavelmente a pessoa com quem senti que a aprendizagem foi maior. Durante os primeiros dias, o meu trabalho consistiu sobretudo em redigir pequenas notícias. A 8 de Setembro publiquei o primeiro texto assinado em meu

---

<sup>4</sup> <https://www.publico.pt/2016/10/06/culturaipsilon/noticia/o-guardiao-dos-nossos-sonhos-e-das-nossos-derrotas-com-uma-guitarra-a-tiracolo-1746176> (mais uma vez, escolho apenas indicar este texto dado ser o mais representativo sobre o tema)

<sup>5</sup> <https://www.publico.pt/2016/11/11/culturaipsilon/noticia/leonard-cohen-morreu-aos-82-anos-1750769> (mais uma vez, escolho apenas indicar este texto dado ser o mais representativo sobre o tema)

<sup>6</sup> <https://www.publico.pt/2016/11/06/culturaipsilon/noticia/visitante-derruba-escultura-do-seculo-xviii-no-museu-de-arte-antiga-1750178> (mais uma vez, escolho apenas indicar este texto dado ser o mais representativo sobre o tema)

nome, uma notícia sobre a programação do FIC- Festival Internacional de Cultura, em Cascais, editado por Isabel Coutinho.

De entre os trabalhos de maior envergadura realizados durante o estágio, destacaria três: o artigo sobre o professor universitário Will Brooker, que passou um ano a viver como David Bowie para escrever um livro sobre o artista<sup>7</sup>; a reportagem sobre o festival internacional de banda desenhada da Amadora<sup>8</sup>; o artigo desenvolvido sobre o fim da tetralogia *O Cemitério dos Livros Esquecidos*, do escritor espanhol Carlos Ruiz Zafón, com *O Labirinto dos Espíritos*<sup>9</sup>.

A entrevista a Will Brooker deu-se em Setembro, aquando da conferência internacional sobre David Bowie, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sobre a qual também já tinha escrito um artigo. Will Brooker, professor londrino de Cinema e Estudos Culturais na Universidade de Kingston, fã e especialista na obra de David Bowie, era um dos oradores principais da conferência. Por ter vivido como David Bowie durante um ano, reproduzindo as fases da vida do camaleão da pop para poder escrever um livro sobre o artista, pensei que seria uma boa estória que ilustraria a importância e influência de Bowie ainda hoje. Falei com a editora, que teve certas dúvidas e falou com o jornalista Vítor Belanciano. Este, por sua vez, gostou da proposta e incentivou-me a falar com Will Brooker. A ideia resultou numa entrevista a Brooker, originando um artigo sobre a importância de Bowie para o professor e sobre o seu ano a viver como este, que ficou inteiramente registado num documentário exibido na conferência. A entrevista realizou-se a 22 de Setembro (quinta-feira), sendo que o artigo foi publicado no publico.pt no dia 24 (sábado), editado por Mário Lopes.

A reportagem da Amadora BD deu-se após uma série de artigos de diferentes jornalistas sobre o evento, como uma entrevista ao autor de banda desenhada Anton Kannemeyer, por José Marmeleira. Dada a importância do festival, convinha fazer, mais do que apenas um artigo de apresentação do mesmo ou entrevistas a alguns dos autores expostos, uma reportagem que espelhasse o ambiente da Amadora BD e o aspecto pedagógico do evento. Daí a escolha de na reportagem, além de entrevistar os

---

<sup>7</sup> Anexo B4

<sup>8</sup> Anexo B8

<sup>9</sup> Anexo B9

comissários da exposição e o director da Amadora BD, entrevistar alunos e professores em visita de estudo ao festival. O artigo, editado por Isabel Salema, saiu a 6 de Novembro (domingo) quer no publico.pt, quer na versão impressa do jornal, sendo que nesta última foi publicado com cerca de metade do tamanho original. Dada a componente política de muitas das exposições, como “Zombie”, de Marco Martins, ou “Papá em África”, de Anton Kannemeyer, uma parte substancial da reportagem abordava esse aspecto. No entanto, na versão impressa do jornal, toda essa componente foi eliminada. Quando questionei essa edição, responderam-me que tal acontecera por uma questão de espaço. No entanto, uma fotografia ocupava praticamente metade da página...

No entanto, o trabalho que mais me marcou foi sem dúvida o artigo sobre o livro mais recente de Carlos Ruiz Zafón. Escrever sobre este autor parecia algo obrigatório, tendo em conta a importância de Zafón e o sucesso que obteve não só em Portugal, mas no mundo inteiro, após publicar *A Sombra do Vento*. Foi no fim de Outubro que propus a Isabel Coutinho redigir o artigo, ideia que foi imediatamente aprovada. Escrever sobre Zafón implicou ter lido os livros anteriores da saga *O Cemitério dos Livros Esquecidos*, da qual fazem parte os livros *A Sombra do Vento*, *O Jogo do Anjo* e *O Prisioneiro do Céu*, para poder contextualizar personagens, locais e ambiente. Foi igualmente necessário entrar em contacto com a editora Planeta. Tentou-se ainda conseguir uma entrevista com o autor, mas sem sucesso, dado que a agenda de Zafón não o permitia e acabaria por vir a Lisboa em Dezembro de 2016 para apresentação do livro, com entrevistas à imprensa portuguesa. O artigo, uma apresentação do livro, mas centrado na relação da obra de Zafón com Barcelona - a cidade principal dos seus livros, foi publicado a 23 de Novembro (quarta-feira) na versão impressa do PÚBLICO e no publico.pt, editado por Inês Nadais.

Estagiar no PÚBLICO foi uma experiência marcante, em que se destacou a aprendizagem de novas técnicas jornalísticas, de saber reagir ao stress da hora de fecho e, sobretudo, perceber realmente como funciona um jornal diário. Não posso deixar de referir que houve pontos fracos, como certos membros da equipa que pareciam marcar uma maior distância entre “estagiários” e “jornalistas” (provando mais uma vez o elitismo sempre presente no PÚBLICO...) ou ainda certos

esquecimentos por parte de editores (aquando da vinda da banda Eagles of Death Metal a Portugal, foi-me pedido que escrevesse uma notícia sobre o acontecimento; a notícia foi revista e editada mas não foi publicada devido a um “esquecimento” de uma das editoras). No entanto, foram mais os pontos positivos do que os negativos. Não se consegue entender o que é o trabalho de um jornalista sem passar por um órgão de comunicação social, e foi essa componente prática que tornou este estágio uma experiência enriquecedora.

## Capítulo II: Enquadramento teórico

### II. 1. - Definição e enquadramento do conceito de cultura

*“Cultura - conjunto de traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afectivos, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e em que se englobam, para além das artes e das letras, os modos de vida, as formas de vida em comum, os sistemas de valores, as tradições e as crenças”*

Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (UNESCO)

*“Cultura é a acção que o homem realiza quer sobre o seu meio quer sobre si mesmo, visando uma transformação para melhor”*

Manuel Antunes (1999), *Teoria da Cultura*, p.39.

Definir cultura depende muito da visão que se tenha sobre a mesma. Para T.S.Eliot existem três sentidos de cultura: do indivíduo, do grupo e da sociedade. “A cultura do indivíduo depende da cultura de um grupo ou classe e a cultura do grupo ou classe depende da cultura da sociedade a que este pertence este grupo ou classe”<sup>10</sup>, afirmava Eliot (Eliot, 1962: 17). Desta forma, cultura tanto pode ser um elemento individual, quase como sinónimo de conhecimento, como pode ser o conjunto de artes, tradições e elementos que caracterizam um povo ou sociedade.

No livro *Cultura e jornalismo cultural: tendências e desafios no contexto das indústrias culturais e criativas* (2012), Dora Santos Silva traça uma evolução do conceito de cultura. Até meados do século XIX, a visão “clássica” e “ilustrada” deste conceito cingia cultura ao campo intelectual, das belas-artes, numa visão elitista. Foi a partir da segunda metade do século XIX que se começou a desenhar uma nova visão do sentido de cultura, mais abrangente e “antropológica”, que não se cingia apenas às

---

<sup>10</sup> Tradução feita por mim

belas-artes, mas que englobava tudo aquilo que caracteriza uma sociedade, conferindo uma dimensão mais colectiva ao significado de cultura.

No entanto, durante a primeira metade do século XX, uma nova visão surgia: a cultura como indústria, dado o crescimento da cultura de massas. Esta visão foi sobretudo defendida por Adorno e Horkheimer, da Escola de Frankfurt, com um pensamento mais crítico sobre as construções culturais. Desenvolvem-se assim teorias sobre “high culture” (a “verdadeira” cultura) e “low culture” (a cultura de massas, considerada alienada e alienatória). É com a segunda metade do século XX que se desenvolvem os *cultural studies* – estudos culturais, que pretendiam estudar “as práticas culturais quotidianas, no contexto do protagonismo dos media” (Santos Silva, 2012: 32) - fundados por Richard Hoggart, Raymond Williams, Edward Thompson e Stuart Hall. “*Culture is ordinary*”, a famosa frase de Raymond Williams num ensaio de 1958, sintetiza esta visão de cultura: uma forma de vida, presente em diferentes aspectos desta.

Deste modo, segundo Dora Santos Silva, pode dizer-se que cultura é um todo complexo, que pode englobar desde objectos culturais até ao estilo de vida de toda uma sociedade. Segundo esse prisma, é correcto afirmar que cultura e civilização se relacionam intimamente e que uma não pode existir sem a outra, apesar de haver visões contrárias, que afirmam que civilização e cultura são conceitos opostos. Mas dada a pluralidade do sentido de cultura, são possíveis diferentes visões.

Assim, não é apenas cultura música, literatura, artes performativas ou visuais, mas também moda, gastronomia ou até mesmo estudos antropológicos podem ser considerados cultura, actualmente. Frequentemente, cultura é também associada à criatividade ou mesmo às novas indústrias criativas. Como afirma Dora Santos Silva, “hoje cultura engloba Beethoven e Madonna, um quadro de Velásquez e um anúncio publicitário da Vodafone, os sonetos de Camões e a ciberpoesia de Bernstein” (Santos Silva, 2012: 21-22).

Cultura e identidade são também factores muito próximos, estando associados a valores. A pluralidade e diversidade de culturas e de visões sobre as mesmas só são possíveis dada a integração da cultura em determinado tempo e espaço.

O jornalista e crítico de música do PÚBLICO Vítor Belanciano, numa crónica de 28 de Outubro de 2016 a propósito das reacções à atribuição do prémio Nobel da Literatura a Bob Dylan, afirma as seguintes ideias sobre cultura:

*“Claro que, para lá das construções sociais, a realidade é bem mais estimulante e difusa. O sentido último da cultura foi-se complexificando nas últimas décadas com a problematização das ramificações clássicas (alta vs. baixa cultura, minorias vs. massas ou arte vs. entretenimento), da mesma forma que existem cada vez mais práticas de fronteira, híbridas, tangenciais.*

*Esses agentes de fronteira acabam por ter um papel relevante. Alguns deles são simultaneamente escritores, cantores ou artistas, estabelecendo pontes entre diversos territórios, pertencendo a vários sem a pressão de terem de escolher, assumindo essa dualidade, mostrando-nos que a realidade é tantas vezes mais entusiasmante do que os muros morais onde a tentamos enclausurar”.*

Assim, poderia dizer-se que é mais correcto falar de “culturas” do que de “cultura”, dada a diversidade de acepções deste conceito. E são as diferentes visões de cultura que permitirão distintas concepções de jornalismo cultural, como se poderá ver no seguinte subcapítulo.

## II. 2. – Definições de jornalismo cultural

O jornalismo cultural evolui conforme a aceção de cultura. “A definição de jornalismo cultural foi evoluindo paralelamente à de cultura (...) ajustando-se às suas duas concepções básicas: a ‘ilustrada’ (que se restringia ao campo das belas-artes) e a antropológica, desenvolvida por E. B. Taylor, Richard Williams e outros estudiosos dos *Cultural Studies*” (Santos Silva, 2012: 69). A visão mais clássica e “ilustrada” encontra-se neste momento sobretudo em publicações mais específicas ou especializadas, enquanto a visão mais antropológica ou ligada às indústrias criativas se pode encontrar nos media em geral. O jornalismo cultural actual tem muito como filosofia o entretenimento e o lazer.

Jorge Rivera, jornalista, crítico, poeta e ensaísta, descreve jornalismo cultural como “uma zona muito complexa e heterogénea de meios, géneros e produtos que abordam com objectivos criativos, reprodutivos e informativos os terrenos das belas-artes, as ‘belas-letras’, as correntes de pensamento, as ciências sociais e humanas, a chamada cultura popular e muitos outros aspectos que têm a ver com a produção, circulação e consumo de bens simbólicos, sem importar a sua origem e o seu destino” (Rivera, 2003: 19 apud Santos Silva, 2012: 70).

Em muitos casos reina ainda a visão clássica e “ilustrada” de cultura, com cobertura exclusiva de belas-artes, em que geralmente as áreas de maior destaque são o cinema e a música. Com alguma ironia, apesar desta visão mais elitista, verifica-se uma maior atenção ao cinema e à música comerciais. No entanto, têm também surgido publicações jornalísticas com outras visões de cultura, com abordagens criativas ligadas a novas tendências, através de revistas especializadas ou roteiros e “guias de consumo”, dando ênfase a aspectos como lifestyle, design, culinária ou novos criadores.

As várias formas de contar uma história, sobretudo com as novas possibilidades que o jornalismo digital fornece, verificam-se também no jornalismo cultural. Cada vez mais as redes sociais, os blogs e certos sites especializados em temas culturais se

tornam fontes de divulgação. A internet é também responsável por uma “deselitização”, se é possível o termo, do jornalismo cultural, dado que se tem acesso muito mais fácil aos objectos culturais do que anteriormente, tornando-os acessíveis a todos e não apenas ao jornalista.

Actualmente, há artigos e histórias que não poderiam existir se não fosse em ambiente digital. Cada vez mais se vêem histórias contadas através de galerias de imagens, vídeo, mapas interactivos ou panorâmicas em 360º.<sup>11</sup> O hibridismo do jornalismo cultural é um dos elementos principais que possibilitam esta transformação.

A própria actualidade do jornalismo cultural é diferente da actualidade do jornalismo em geral – “a novidade no jornalismo cultural reside, naturalmente, no lançamento de produtos, na estreia de filmes, abertura de exposições, etc, mas também na excepcionalidade ou pioneirismo do próprio produto cultural” (Santos Silva, 2012: 81). Assim, aqui a raridade e a criatividade constituem, de forma tão ou mais importante do que a actualidade, um valor-notícia.

Para Marisa Torres da Silva, “o jornalismo cultural pode ser, aliás, caracterizado como um espaço de confluência entre repórteres, intelectuais ou mesmo criadores, tornando-se por isso distinto de outras formas convencionais de produção jornalística” (Torres da Silva, 2014: 16). Afirma ainda que a identidade dos jornalistas de cultura se liga “à capacidade de julgar os produtos culturais” (Torres da Silva, 2014: 16).

Um estudo de Gemma Harries e Karin Wahl-Jorgensen mostra que os profissionais do jornalismo cultural sentem diferenças em relação ao jornalismo “tradicional”, considerando-se mais qualificados do que os restantes jornalistas, dado que se consideram especialistas em assuntos culturais. É também referido que os críticos de arte entrevistados e consultados para o mesmo “raramente expressaram dúvidas sobre a sua autoridade crítica” (Harries, Wahl-Jorgensen, 2007: 624), mostrando assim que muitos jornalistas de cultura sentem que a sua identidade profissional se liga directamente à classificação que fazem dos objectos culturais.

---

<sup>11</sup> Artigo disponível em <http://www.publico.pt/culturaipilon/voltamos-aos-sete-reinos>

Destaca-se ainda que as opiniões mais comuns entre os jornalistas de cultura sobre a hierarquia que deve existir nas notícias são: “as artes são importantes e devem estar no centro da cobertura mediática” (Harries; Wahl-Jorgensen, 2007: 626); “as artes são mais «ligeiras» do que política e outros assuntos, mas mais importantes do que áreas de «baixa cultura» como cobertura de desporto e celebridades” (Harries; Wahl-Jorgensen, 2007: 626). Há ainda uma opinião entre jornalistas de cultura, bastante mais rara, que de certo modo acaba por contradizer as duas afirmações anteriores: “as artes são «soft news»” (Harries; Wahl-Jorgensen, 2007: 626), o que acaba por demonstrar dois aspectos - que as opiniões sobre jornalismo cultural, mesmo entre os profissionais da área, não são unânimes, e que a visão que se tem sobre jornalismo cultural está directamente ligada à visão que se tem de cultura. No entanto, há uma ideia que perpassa estas opiniões, ainda que divergentes: o jornalismo cultural é visto como um mundo aparte, longe do jornalismo convencional.

No mesmo estudo, os resultados de entrevistas a jornalistas de cultura mostram que “as principais preocupações são manter as definições de jornalismo cultural, e evitar a contaminação pela cultura popular” (Harries, Wahl-Jorgensen, 2007: 629), e que dentro do jornalismo cultural há diversas “subsecções”, como jornalista cultural, editor cultural, e crítico, cada um com tarefas e responsabilidades distintas. No entanto, os críticos “freelancer” vêm-se de uma forma diferente, dada a instabilidade do seu trabalho.

Um dos elementos fundamentais do jornalismo cultural é um bom domínio de escrita, bem como um domínio não apenas da actualidade, mas de várias referências culturais, em várias áreas (música, literatura, arquitectura...). Esse domínio de diferentes temas é uma das principais razões pelas quais os jornalistas de cultura se sentem “mais qualificados” do que os outros jornalistas. No entanto, sendo verdade que o estilo de escrita do jornalismo cultural é um dos principais elementos distintivos do mesmo, há que dizer ainda, como afirma Dora Santos Silva, que “será porventura exagerado afirmar que se distingue exclusivamente pelo seu estilo (...) e não pela natureza dos temas que aborda” (Santos Silva, 2012: 71). A mesma autora considera ainda que “(...) o jornalismo não deve prescindir das qualidades de concisão, objectividade e clareza, mesmo que os temas sejam complexos e alguns géneros,

como a crítica e o ensaio, possam reclamar uma maior liberdade linguística, vocabular e estética” (Santos Silva, 2012: 78).

Nesta área, tão importante como o jornalista cultural é também o crítico. Segundo Daniel Piza, o crítico deve ter três funções principais: informar o leitor sobre a obra ou objecto artístico, bem como o autor e o contexto histórico em que se integra; analisar a obra, medindo relativamente qualidades e defeitos; usar o objecto para uma leitura da realidade, sendo o crítico um “intérprete do mundo” (Piza, 2003: 70).

No seu estudo “Function of Media Arts Critic”, Dwight DeWerth-Pallmeyer destaca que a maioria dos críticos culturais considera a melhor parte do seu trabalho a interacção com o leitor, enquanto os prazos e os editores que não entendem o tema a ser tratado são vistos como o pior desse mesmo trabalho, bem como a publicidade que muitas vezes está subjacente nos media culturais. “É desapontante quando a maioria dos críticos de arte simplesmente resumem uma actuação mediática e dizem por que é boa ou má. Infelizmente, este tipo de críticas constituem um padrão na crítica de artes, e não uma excepção” (Pallmeyer, 2003:113). Pallmeyer aponta, como contraste, o que deveria ser um verdadeiro crítico: “”Quando o crítico se empenha, resume as qualidades-chave, mas também aponta as qualidades estéticas e dramáticas e as questões morais ou éticas do texto” (Pallmeyer, 2003: 113). E acrescenta: “a boa escrita crítica é em si uma forma de arte” (idem).<sup>12</sup>

Em modo de conclusão e de síntese das anteriores opiniões, poderia dizer-se que o papel principal do jornalista cultural é actuar como descodificador de símbolos culturais, de modo a aproximar o público de criadores e objectos culturais, podendo ser visto como um “mediador democrático” (Santos Silva, 2012: 73). Ainda que as opiniões sobre o papel deste tipo de jornalismo diverjam, é unânime que o jornalista cultural é um intérprete da própria cultura.

---

<sup>12</sup> Tradução feita por mim.

### II. 3. – Jornalismo cultural em Portugal

Há uma falta considerável de estudos sobre jornalismo cultural em Portugal, país em que o jornalismo cultural continua sem ter um papel de destaque. Ao contrário de outros países, em Portugal a área da cultura continua em segundo plano. “Não se pode dizer que o jornalismo cultural ocupe um papel importante na imprensa portuguesa. Comparativamente com outros países (Brasil com pelo menos 20 títulos de revistas especializadas em algum segmento de cultura, Reino Unido com dezenas de títulos regionais e nacionais ou a vizinha Espanha, precursora do jornalismo de tendências) o panorama português é muito fraco e a única revista mensal dedicada às artes – Magazine das Artes – teve o seu fim em Maio de 2008” (Santos Silva, 2012: 103).

Data de 1761 a primeira revista portuguesa inteiramente dedicada à cultura, sob o nome Gazeta Literária / Notícias Exactas dos Principais Escritos Modernos, editada no Porto. Entre os séculos XIX e XX foram criadas várias revistas culturais, na sua maioria sobre literatura. As revistas literárias adquiriram sobretudo grande importância durante a ditadura salazarista, já que, apesar das imposições e restrições da ditadura, revistas como Seara Nova e Cadernos de Poesia divulgavam escritores e poetas que o fascismo tentava esconder. Foi após o 25 de Abril que as manifestações culturais se multiplicaram, fazendo com que a indústria cultural se desenvolvesse cada vez mais. Assim, apareciam nos anos 80 os primeiros jornais integralmente dedicados à cultura, como Se7e e Blitz.

Actualmente, vários jornais diários generalistas publicam suplementos culturais, entre os quais se conta o PÚBLICO, com os suplementos Ípsilon, Fugas, P2 e Culto – os três últimos suplementos podem ser considerados suplementos culturais se seguirmos a visão antropológica de cultura; e há ainda semanários, como o Expresso, que também possuem suplementos culturais. Há que destacar, no panorama do jornalismo cultural nacional, o Jornal de Letras. Neste momento, surgem também novas revistas mais ligadas à agenda de eventos, como é o caso da TimeOut, que se

tem revelado cada vez mais popular, ou ainda publicações mais alternativas ou de nicho, para um público mais específico.

Há que referir ainda o Jornal de Letras, existente desde 1981 e publicado quinzenalmente, dedicado inteiramente a jornalismo cultural. Actualmente, o director do jornal é José Carlos de Vasconcelos. Como se pode ler na página do grupo Impresa, à qual o jornal pertence, o Jornal de Letras aborda “assuntos atuais do mundo da cultura; avaliação dos principais acontecimentos nas várias artes (novos livros, exposições, espetáculos, etc.); entrevistas a personalidades das várias áreas culturais; destaque de livros, discos, cinema”.<sup>13</sup>

Segundo um estudo de Dora Santos Silva feito a partir de publicações impressas em Portugal, as diferentes visões e versões do jornalismo cultural dependem da visão que o órgão de comunicação tem sobre cultura. Em Portugal, há divisões dos órgãos de comunicação relativamente a este parâmetro, apesar de se vir a notar uma maior aproximação ao sentido antropológico de cultura, com diferentes aspectos como a música popular, a moda e o *design* a ganhar cada vez mais espaço na imprensa portuguesa.

No mesmo estudo, conclui-se que imprensa cultural portuguesa, são a música e o cinema que predominam, sendo notório um “grande poder das indústrias cinematográfica e discográfica” (Santos Silva, 2009). A maior parte dos artigos culturais que actualmente se escrevem derivam da agenda de eventos (concertos, lançamentos de disco, exposições, etc), tendo assim o jornalismo cultural português um papel de divulgação, mais do que de crítica ou interpretação.

Em grande parte, tal acontece dada a importância de figuras individuais na cultura, em que o ícone tem cada vez um maior relevo. Dora Santos Silva afirma que “a relação entre o jornalismo cultural e a dimensão empresarial é potenciada pela vinculação das várias artes aos seus ícones e celebridades – que absorvem a atenção dos media e adquirem um sentido espectacular” (Santos Silva, 2009).

---

<sup>13</sup> Página do grupo Impresa: <http://www.impresa.pt/marcas/marca/2013-07-12-Jornal-de-Letras>

No mesmo estudo, afirma-se que os guias de consumo, em revistas como a TimeOut, estão a crescer, através de divulgações de produtos, serviços e estabelecimentos, além da já conhecida agenda de eventos. Também as revistas de tendências ganham importância mas, ao serem maioritariamente adaptações de material estrangeiro, a cultura portuguesa não tem expressão aí. O estudo dá ainda destaque às revistas customizadas, ou “custom publishing”, e aos blogs e sites, que ainda que não substituam o jornalismo, se tem revelado um contributo importante no meio do jornalismo cultural, actuando como fontes ou meios de divulgação cada vez mais populares. Afirma-se ainda que são mesmo a internet e as redes sociais uma das principais razões pelas quais o jornalismo cultural se encontra em mudança.

Deste modo, é possível concluir que apesar de estar num estado embrionário em relação ao jornalismo cultural em outros países, o jornalismo cultural português tem-se alterado e acompanhado os novos tempos na cultura e no próprio jornalismo, estando também cada vez mais ligado às novas tendências e às possibilidades oferecidas pelo digital.

## II. 4. – Jornalismo de música em Portugal

O jornalismo musical em Portugal evoluiu ao longo dos tempos. O investigador do INET – Instituto de Etnomusicologia Pedro Nunes encontra três fases: a primeira começa no final dos anos 60 com a revista Mundo da Canção; a segunda vai da segunda metade dos anos 70, com revistas como Musicalíssimo, Se7e e Música e Som, e em que aparece o jornal Blitz, em 1984; a terceira começa nos primeiros anos da década de 90, com aquilo a que chama a “profissionalização do Blitz” e com o surgimento de suplementos musicais em jornais generalistas. Pedro Nunes afirma ainda, na sua tese de doutoramento (2004), que “em Portugal, o jornalismo de música descreve-se melhor como um espaço cultural e profissional dentro de um campo mais amplo do jornalismo”<sup>14</sup> (Nunes, 2004: 103).

Na primeira fase, era à música portuguesa, especialmente à de intervenção, que se dava relevo, ainda que o jornalismo de música não tivesse grande destaque. A revista Mundo da Canção, fundada por Avelino Tavares em 1969, é uma das publicações mais importantes da época. Viria a terminar em 1985. *“MC não aconteceu por acaso mas sim por uma convicção forte e baseada num pensamento que se julgou e se constata lectivo. Não se faz para determinado público, é concebida para todos. Usamos uma linguagem directa, sem eufemismos nem subterfúgios: negro é negro, encarnado é encarnado. Adoptamos uma atitude crítica: propomo-nos à crítica e, implicitamente, somos matéria crítica”*, podia ler-se num editorial de 1971.<sup>15</sup> Um dos principais objectivos da revista era dar a conhecer a música de protesto que se fazia em Portugal, fazendo passar, como a própria revista dizia, “a palavra incómoda”.

Já na segunda fase, o pop-rock começava a ganhar terreno no jornalismo musical. Uma das publicações em que esta tendência mais se verificou foi o jornal Musicalíssimo, que viu a luz em 1978. Apesar de ainda abranger áreas como cinema e teatro, o jornal dedicava-se sobretudo, como se entende pelo nome, à música. Deixou de existir em 1982. Também o semanário Se7e, dedicado aos espectáculos em

---

<sup>14</sup> Tradução feita por mim

<sup>15</sup> Como se pode ver no site da própria revista - <http://mundodacancao.pt/historial-mc/revista-mc/> (acedida a 26 de Fevereiro de 2017).

Portugal, dando especial atenção à música, sobretudo às novas bandas pop-rock que surgiram na época, tanto portuguesas como internacionais. Fundado em 1977, deixou de existir em 1994.

Durante esta fase, é crucial para o jornalismo musical português a fundação do Blitz. Fundado em 1984 por Manuel Falcão, Rui Monteiro, Cândida Teresa e João Afonso, o jornal acabou por passar a revista em 2006. Enquanto jornal, era publicado semanalmente. Quando passou a revista, a publicação tornou-se mensal. Em 1992, tornou-se parte do grupo Impresa.

Na terceira fase, cresceu a ligação do jornalismo musical à indústria e a mercado discográficos. Afirmo Pedro Nunes que “o jornalismo pop-rock evoluiu de um discurso político-ideológico até se assistir a uma relativa «desideologização» do discurso, apesar de as linhas editoriais permanecerem influenciadas, em certos casos, por «agendas de gosto»” (Nunes, 2009). Pedro Nunes diz ainda que o jornalismo musical “legitima a música popular na hierarquia cultural” (Nunes, 2009).

Para Pedro Nunes, a linha editorial de uma publicação pode ser definida como “uma tensão entre gosto pessoal e interesse público”<sup>16</sup>. (Nunes, 2004: 139) O mesmo autor afirma: “(...) torna-se claro que o gosto dos jornalistas é um elemento-chave na definição de uma linha editorial – se definirmos linha editorial como a orientação (estética, jornalística) visível num título musical partícula e não como um conjunto de linhas predefinidas pelos editores”<sup>17</sup> (Nunes, 2004: 130).

Apesar de este trabalho se centrar na imprensa portuguesa, é impossível falar de jornalismo de música em Portugal sem referir o radialista António Sérgio, um dos principais responsáveis pela divulgação de artistas como Patti Smith, Iggy Pop ou Joy Division em Portugal. António Sérgio, radialista desde o final dos anos 60, trabalhou em rádios como Rádio Renascença, Rádio Comercial, XFM e Rádio Radar, apresentando diferentes programas em que a música rock e pop tinha protagonismo, sobretudo a mais alternativa e à margem do mercado mais tradicional e comercial.

---

<sup>16</sup> Tradução feita por mim

<sup>17</sup> Tradução feita por mim

Escreveu ainda em jornais e revistas como Blitz e O Independente e foi voz off de peças televisivas do canal SIC.

Entre outros jornalistas portugueses que se destacaram pela cobertura jornalística de música, cabe salientar os nomes de António Macedo, João Govern e José Nuno Martins.

Não há visões unânimes sobre o jornalismo musical, e a maior parte dos estudos sobre este são anglo-saxónicos ou baseiam-se em música anglo-saxónica. Há quem defenda que o jornalismo musical é uma forma de também afirmar ideologias e movimentos sociais ou estéticos. Ou seja, a imprensa musical, como a imprensa em geral, pode ter um papel ideológico.

Enquanto alguns estudiosos afirmam que o jornalista actua “à margem” da indústria, outros opinam que o jornalista “age em simbiose com a indústria musical” (Nunes, 2009). No entanto, em qualquer uma destas correntes de pensamento o objectivo do jornalista acaba por ser “vender a música”. Para Nunes, o jornalista de música caminha entre o gosto pessoal e o dever profissional (Nunes, 2009). Isto faz com que a relação de dependência entre indústria e jornalistas seja mútua. Assim, “o compromisso com a estética não implica uma maior autonomia do espaço musical em relação à indústria” (Nunes, 2009).

O papel do crítico de música também está longe de ser unânime. O crítico não tem como papel apenas definir o que é bom ou mau, já que tem também de relacionar o objecto artístico com outros aspectos. Assim, a crítica musical informa seleccionando.

Segundo diversos autores, o jornalismo musical é lido apenas por uma parte do público consumidor de música. No caso do jornalismo musical português, este tem-se desenvolvido a par da indústria musical. Afirma ainda Pedro Nunes que “o jornalismo de música tem adquirido estatuto próprio ao longo dos anos através da força da relação com campos mais abrangentes da cultura, música e jornalismo”<sup>18</sup> (Nunes, 2004: 123). Esta linha de pensamento vai ao encontro da de Marisa Torres da Silva,

---

<sup>18</sup> Tradução feita por mim

que defende que se deve “(...) pensar no jornalismo cultural e, mais especificamente, no jornalismo de música como um discurso algo fluido e difuso em termos da sua orientação, que vagueia entre a informação, a interpretação, a crítica e a análise” (Torres da Silva, 2014: 30).

Estando Portugal cada vez mais no circuito obrigatório dos artistas, o panorama jornalístico tem-se alterado. Aliás, muitos dos jornalistas de música portugueses vêm do meio musical. Actualmente, a internet alterou aspectos do jornalismo musical ao facilitar o acesso a novos talentos ou novos trabalhos.

## **Capítulo III: Cobertura de música pelo jornal PÚBLICO**

### **III. 1. – Jornalismo de música no PÚBLICO**

A música é, a par do cinema, a área da cultura a que o PÚBLICO dá maior destaque. Todos os dias, o jornal diário publica pelo menos 3 artigos de cultura na versão impressa, com a versão digital a ser constantemente actualizada. Relativamente ao jornal diário, é sobretudo na versão online que a música ganha protagonismo, por uma questão de espaço. Já no suplemento Ípsilon, são vários os artigos e críticas musicais. Há que destacar que o jornalismo de música no PÚBLICO está em grande parte subordinado à agenda de eventos ou de lançamentos de discos. Para Pedro Nunes, o PÚBLICO apresenta-se como “um jornal culturalmente exigente” (Nunes, 2004: 222), para o leitor mais informado, excluindo os outros leitores (ideia bastante presente quando mostra uma comparação feita no Y de 12/10/2001 entre os lançamentos de Leonard Cohen e Suzanne Vega, descritos no jornal como mestre e discípulo).

Foram vários os jornalistas que escreveram sobre música nas páginas e nos suplementos de cultura do PÚBLICO. Mário Lopes e Vítor Belanciano são os nomes actuais da redacção que escrevem sobre esta área, sobretudo acerca de música internacional. É frequente ver também artigos assinados por Nuno Pacheco, do conselho editorial do jornal, ou ainda do colaborador Gonçalo Frota, geralmente sobre música portuguesa ou lusófona. Claro que todos os jornalistas podem escrever notícias sobre música, mas são estes os jornalistas especializados nesta área e que escrevem peças de maior profundidade.

A alteração dos suplementos culturais do jornal tem vindo a alterar o espaço dado à música no PÚBLICO. Foi com o suplemento Sons que a música conheceu um maior destaque no jornal. Em Y o espaço dado à música era também maior do que aquele que é actualmente dado a esta área no actual Ípsilon. Segundo o jornalista do PÚBLICO Mário Lopes, ao haver mais páginas e mais suplementos, o espaço dado à

música era maior, tal como acontecia com outras áreas da cultura. No entanto, no jornal diário o espaço que se dá aos artigos sobre música não se tem vindo a alterar muito. Sobre os suplementos culturais no jornalismo, Pedro Nunes refere que “os suplementos podem ser amplamente integrados na secção de cultura do jornal. Favorecem a criação de uma comunidade de leitores que seguem o gosto/linha editorial da publicação e valorizam a escrita de um jornalista ou crítico em particular” (Nunes, 2004: 87).

Entre os suplementos do PÚBLICO dedicados à cultura (não apenas à música, mas a todas as áreas), estiveram os suplementos Pop Rock (1990-1996), Fim de Semana (1991-1994), Zoom (1995), Artes e Ócios (1994-1999), Leituras (1990-1999), Artes (2000), Y (2000-2006) e Mil Folhas (2000-2006). De entre estes suplementos, a música era uma das artes principais em Pop Rock, Sons, Fim de Semana, Artes e Ócios e Y, já que Leituras e Mil Folhas se dedicavam sobretudo à literatura. Todos estes suplementos eram de publicação semanal, vendidos com o próprio jornal.

O suplemento Pop-Rock, que durou de 1990 a 1996, foi um suplemento inteiramente dedicado à música, dando especial destaque à música internacional, sobretudo anglo-saxónica, ainda que a música portuguesa também fosse de grande importância para o suplemento. Pop-Rock seguia esta ordem: várias breves, uma entrevista ou artigo desenvolvido e uma série de críticas de discos, tanto de música internacional como portuguesa. A crítica musical do suplemento Pop-Rock era bastante mais extensa do que no actual Ípsilon, muitas vezes com o dobro do tamanho das críticas de música actuais.

Anos mais tarde, de 1995 a 2000, era com no suplemento Sons que a música era protagonista. O suplemento, com menos páginas do que o anterior Pop-Rock, era composto por um só artigo desenvolvido e uma série de breves sobre lançamentos de discos (as chamadas “saídas”). Muitas vezes, o Sons era temático, dando-se frequentemente destaque à música clássica (por exemplo entre 1995 e 1996) e ao jazz.

Fim de Semana foi um suplemento que embora muito dedicado à agenda cultural, também tinha vários artigos de fundo. Cinema, música, teatro e exposições eram os temas em destaque.

Zoom existiu apenas durante Julho de 1995. Tinha várias semelhanças com o anterior suplemento Fim de Semana.

Artes e Ócios foi sobretudo um suplemento de agenda de eventos, em que a programação televisiva teve também grande importância. O que mais se destacava neste suplemento era o cartaz de festivais e concertos, a par de estreias de filmes ou peças de teatro. Não havia grandes artigos de fundo ou de análise de objectos e eventos culturais.

Y, com cerca de 40 páginas, era o suplemento que mais se assemelhava ao actual suplemento cultural Ípsilon (aliás, foi precisamente este suplemento, ao lado do suplemento literário Mil Folhas, que precedeu imediatamente o Ípsilon). Neste suplemento, a música era também protagonista. Centrava-se na agenda de eventos e na música internacional. Além da música, o cinema igualmente uma área de grande importância. O suplemento era composto por “flashes” (breves, cujo nome se manteve no actual Ípsilon), artigos desenvolvidos e/ou entrevistas, bem como notícias e críticas, sobretudo musicais ou cinematográficas. Neste suplemento, havia vários artigos escritos por jornalistas estrangeiros e correspondentes internacionais, em maior quantidade do que no Ípsilon dos dias de hoje.

Artes foi outro suplemento dedicado a diferentes artes performativas, como dança e teatro, em que a música também estava presente, ainda que não da mesma forma que noutros suplementos aqui já referidos. Não havia um destaque dado à música como acontecia em Y ou Sons, a título de exemplo.

De 2007 até à actualidade, é Ípsilon o suplemento cultural do PÚBLICO, em que a música é uma das áreas em destaque. É editado por Vasco Câmara desde que começou a ser publicado. O actual suplemento é comparável a uma junção dos antigos Y e Mil Folhas, não havendo neste momento uma distinção tão marcada entre a secção de cultura do jornal diário e o suplemento semanal. Aliás, no publico.pt a secção dedicada a cultura surge com o título “Cultura-Ípsilon”, ilustrando assim uma relação de igualdade entre diário e suplemento.

É curioso verificar que era dada anteriormente mais importância aos programas de televisão dentro da secção de cultura, com maior quantidade de breves ou pequenas notícias sobre estreias de séries ou de programas. Actualmente, a secção de cultura apresenta frequentemente artigos desenvolvidos sobre séries, geralmente na versão digital do jornal (os artigos são quase sempre da autoria da jornalista Joana Amaral Cardoso).

Ainda que a música seja uma das áreas de destaque, não se dá actualmente à música o mesmo espaço que existia em suplementos anteriores. Segundo o crítico e jornalista do PÚBLICO Vítor Belanciano, a diminuição do espaço que se dá à música nos jornais não acontece apenas em Portugal, mas um pouco pela imprensa de todo o mundo. Ainda assim, em Portugal nota-se mais esse corte dada a falta de revistas e jornais especializados em música, como acontece noutros países. E é na crítica que se corta um maior espaço no que diz respeito à música, já que ainda se dá grande destaque a artigos de apresentação de discos ou concertos. “Quando o Ípsilon foi implementado, a música perdeu espaço, porque tinha que coabitar com outras áreas. E sinto que sim, que evidentemente ao longo dos anos, não só a música, mas outras áreas da cultura, foram perdendo espaço no jornal. Acho que não é uma tendência que não é do interior aqui do PÚBLICO, é uma tendência genérica. Essencialmente no espaço de crítica, penso, já que continua a haver muitos textos de apresentação, reportagens... O lado mais crítico, seja crítica de discos ou de concertos, por exemplo, nota-se imenso que isso se perdeu, tendo em conta que no jornal PÚBLICO sempre houve essa relação entre os suplementos e o diário”, diz Belanciano.<sup>19</sup>

A visão de Vítor Belanciano coincide em certos aspectos com a de Dora Santos Silva. “Em bom rigor, não existe crítica nos jornais portugueses. A crítica estruturada foi ocupada por sinopses que não ocupam mais do que um parágrafo.” (Santos Silva, 2012: 121).

Sobre o que faz com que um artista seja (ou não) falado no PÚBLICO, o jornalista do PÚBLICO Mário Lopes explica: “nós procuramos, acima de tudo, contar histórias que sejam relevantes quer por aquilo que reconhecemos como qualidade das

---

<sup>19</sup> Ver entrevista em anexo.

peças ou bandas, quer pelo impacto que de alguma forma vamos vendo em relação àquilo que fazem”.<sup>20</sup> No entanto, há dois artistas que parecem atravessar as gerações de suplementos do PÚBLICO e ter sempre igual importância e destaque, seja o ano que for: Bob Dylan e Bruce Springsteen. Ambos aparecem constantemente, seja por lançamentos de discos, novas digressões, porque ganham um prémio Nobel que não recebem em mãos ou por atacar as políticas de Donald Trump.

Acerca das pressões das editoras sobre os jornalistas, Vítor Belanciano tem uma posição clara. “É claro que existem sugestões, mas a última palavra é sempre do crítico, ou supostamente deveria ser assim. No meu caso, já aconteceu até ao contrário: ser eu a propor muitas vezes”, comenta<sup>21</sup>.

Para melhor se analisar e compreender como é a cobertura de música do PÚBLICO, segue-se uma análise de dados recolhidos durante o estágio com o objectivo de caracterizar os principais aspectos desta área da cultura no PÚBLICO.

---

<sup>20</sup> Ver entrevista em anexo.

<sup>21</sup> Ver entrevista em anexo.

### **III. 2. - Perguntas de investigação e método de análise científica da cobertura de música pelo PÚBLICO**

O objectivo deste relatório é analisar a cobertura de música pelo PÚBLICO. Para tal, foram colocadas perguntas de investigação como:

- qual a relação de proporção entre a cobertura de música e das restantes áreas?
- que género jornalístico é mais frequente na cobertura musical do PÚBLICO?
- qual é o valor-notícia predominante?
- qual é o enquadramento/ângulo de abordagem predominante?
- qual é a dimensão da cobertura da música nacional em comparação com a internacional?

Para responder a estas perguntas, no âmbito de um estudo de caso, a metodologia utilizada foi a análise de conteúdo, complementada com entrevistas. Analisaram-se então todos os artigos de música publicados num mês estruturado, organizado por quatro semanas diferentes: a primeira semana de Setembro (29 de Agosto a 4 de Setembro), a segunda de Outubro (de dia 10 a 16), a terceira de Novembro (de 14 a 20) e a quarta de Dezembro (de 26 deste mês até 1 de Janeiro de 2017). Escolhi estas semanas por me parecer excessivo analisar por completo as publicações durante os três meses de estágio. No total, foram analisados 80 artigos.

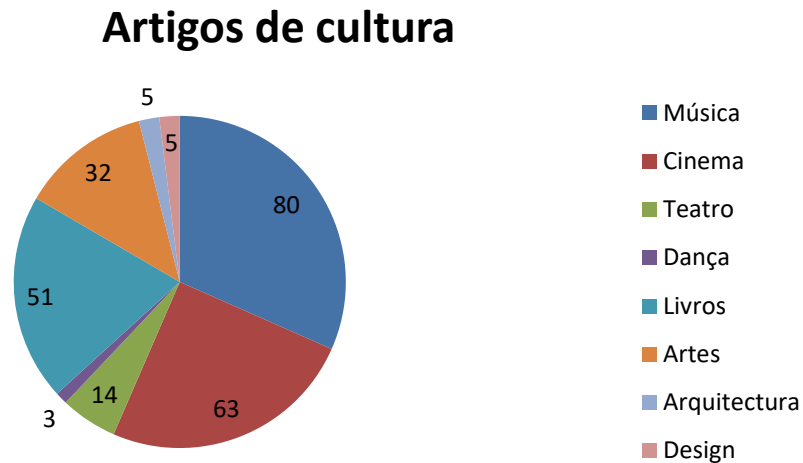
As variáveis de análise usadas para analisar esse mês foram o número total de artigos de cultura publicados bem como o número de visualizações à página de cultura durante esse mesmo tempo; os géneros jornalísticos mais frequentes na cobertura de música; os valores-notícia mais destacados na música; o enquadramento das peças; por fim, a localização das peças.

Foi também necessário, para completar esta análise, entrevistar os jornalistas Mário Lopes e Vítor Belanciano, ambos especialistas em música. Tendo em conta o

tema deste relatório - caracterização da cobertura de música pelo PÚBLICO - era indispensável falar com ambos os jornalistas, dada a larga experiência de ambos, além de que seria impensável apresentar um relatório sobre a cobertura musical do PÚBLICO sem falar com os jornalistas que se encarregam dessa tarefa.

### III. 3. – Análise de dados

Número total de artigos de cultura:



Esta tabela mostra a relação entre o total de artigos de cultura e a quantidade de artigos de cada área dentro da secção durante o período de tempo escolhido para a análise (as quatro semanas antes referidas).

Como se pode comprovar pelo gráfico, a música e o cinema são as áreas de eleição do PÚBLICO no que diz respeito à cultura, seguidas de perto pela literatura. Entre ambas as áreas, a música é a que tem mais destaque, com um total de 80 artigos. O número de artigos sobre literatura (secção “livros”) aumentou consideravelmente em Outubro dada a atribuição do prémio Nobel da Literatura a Bob Dylan. Por ser um prémio literário, ainda que atribuído a um músico, não considerei que esses artigos devessem ser integrados na secção música.

Assim, apesar de ter perdido alguma importância ao longo da história do jornal (basta ver que os antigos suplementos inteiramente dedicados à música já não existem), a música continua a ser uma das áreas de maior destaque, e inclusivamente um *ex-libris* da secção de cultura, já que a cobertura musical continua a ser uma imagem de marca do estilo aparentemente “high culture” do jornal, que muitas vezes cobre, por exemplo, artistas e eventos de música alternativa e *indie*, fora do *mainstream*.

### Visualizações da página de cultura do PÚBLICO:

VISITAS	29 AGO - 4 SET	10 OUT - 16 OUT	14 NOV - 20 NOV	26 DEZ - 1JAN
<b>CULTURA - TOTAL</b>	196 350	230 893	185 969	320 583

Esta tabela mostra o total de visitas dos leitores à secção de cultura no publico.pt durante as semanas já referidas.

As semanas com maior número de acessos aos artigos de cultura são aquelas em que precisamente se verificaram maiores acontecimentos culturais, como a atribuição do prémio Nobel da Literatura, em Outubro, ou a morte de Leonard Cohen, em Novembro.

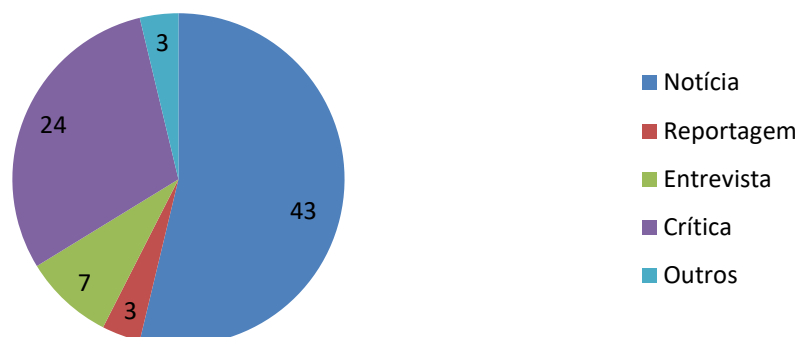
Esta tabela prova que a cultura é uma área que atrai grande número de leitores, ainda que seja uma área posta em segundo plano em vários jornais portugueses. Sobre essa perda de importância da área da cultura, que originou também uma perda de espaço nos jornais, Vítor Belanciano afirma: “quando o Ípsilon foi implementado, a música perdeu espaço, porque tinha que coabitar com outras áreas. E sinto que sim, que evidentemente ao longo dos anos, não só a música, mas outras áreas da cultura, foram perdendo espaço no jornal. Acho que não é uma tendência que não é do interior aqui do PÚBLICO, é uma tendência genérica. Essencialmente no espaço de crítica, penso, já que continua a haver muitos textos de apresentação, reportagens...”<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Ver entrevista em anexo.

## Géneros jornalísticos utilizados na cobertura de música pelo PÚBLICO:

### Géneros jornalísticos



No PÚBLICO, a notícia predomina na secção de cultura, e a cobertura de música não é excepção. Durante o tempo analisado, a notícia é o género jornalístico que constitui mais de metade do total de artigos de música.

O segundo género mais frequente é a crítica, uma das grandes marcas do jornal. Ainda que neste momento a crítica tenha menor destaque do que em momentos anteriores do jornal, continua a ser um dos géneros jornalísticos mais utilizados, sendo um dos *ex-libris* do PÚBLICO. No entanto, Vítor Belanciano afirma: “o lado mais crítico, seja crítica de discos ou de concertos, por exemplo, nota-se imenso que isso se perdeu”, e relaciona as mudanças de géneros jornalísticos com a relação entre diário e suplementos culturais: “Ao longo dos anos isso também se foi transformando, numa altura em que no diário tudo o que tinha a ver com uma lógica de concertos semanais, seja entrevistas ou promoção de concertos, transitava imediatamente para as páginas de cultura. Hoje em dia, há um lado mais ambíguo, mais misto, nessa relação”<sup>23</sup>.

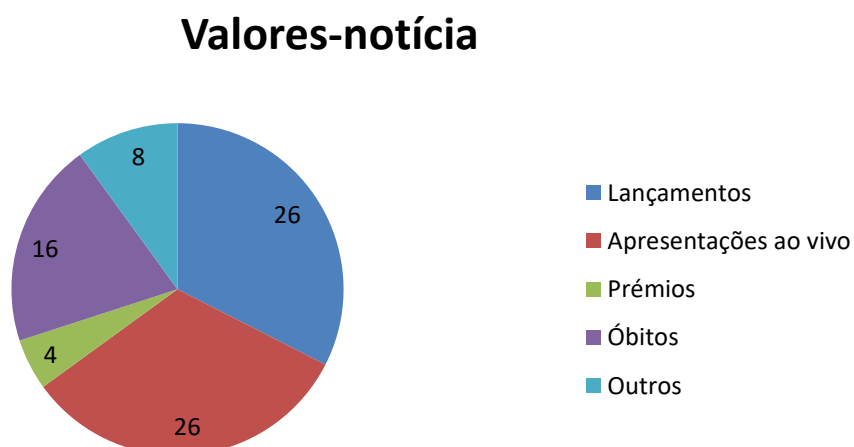
É necessário também dar importância à entrevista, o terceiro género jornalístico mais frequente durante o tempo desta análise. A entrevista destaca-se na secção de cultura – e não é excepção, obviamente, na cobertura de música – já que, como afirma Dora Santos Silva, há necessidade de “(...) o jornalismo cultural utilizar

---

<sup>23</sup> Ver entrevista em anexo.

mais vezes o género entrevista, que tem uma hegemonia nesta especialidade, em muito devido ao factor celebridade – a atenção é dada aos autores e não propriamente aos seus produtos” (Santos Silva, 2012: 77).

#### Valores-notícia da cobertura de música pelo jornal:



No PÚBLICO, os principais valores-notícia, no que diz respeito à música, são lançamentos de discos ou apresentações ao vivo, como concertos e festivais, a provar que o jornalismo de música no PÚBLICO é maioritariamente marcado pela agenda.

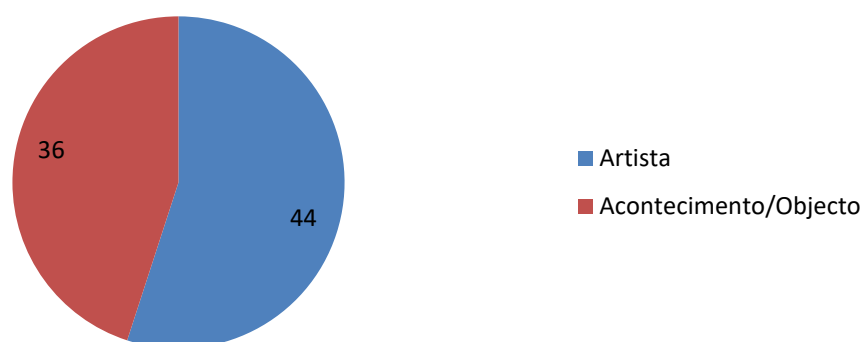
No entanto, dado que o ano de 2016 foi de grandes perdas na área da música, um dos principais valores-notícia que se destacou foi o óbito de diferentes artistas, como Leonard Cohen ou George Michael, havendo vários artigos subordinados a esse mesmo tema (contaram-se, na última semana de Dezembro, 9 artigos sobre a morte de George Michael, a título de exemplo).

Assim, acaba por se provar que a figura do artista/celebridade é um importante factor para caracterizar a cobertura musical do jornal. No entanto, sobre esse aspecto, o jornalista do PÚBLICO Mário Lopes afirma: “nós procuramos, acima de tudo, contar histórias que sejam relevantes quer por aquilo que reconhecemos como qualidade das

peças ou bandas, quer pelo impacto que de alguma forma vamos vendo em relação àquilo que fazem. Está equilibrado. Por exemplo, não vamos fazer uma história sobre os U2 só porque eles têm um novo disco. Se houver uma história para contar que achemos interessante, ou se o disco for extraordinário, isso vale a pena. De resto, para nós é tão importante fazer essa tal história sobre os U2 como escrever sobre uma banda que está agora a começar de cinco amigos da Graça que estão a fazer alguma coisa relevante e a reunir gente à volta deles”<sup>24</sup>.

#### Enquadramento das peças: artista x objecto/acontecimento:

### Enquadramento



Este gráfico relaciona-se em grande parte com o anterior. Ainda que haja um equilíbrio no que diz respeito ao enquadramento dos textos, a maioria dos artigos de música do PÚBLICO tem como enquadramento principal o artista, enquanto o objecto artístico ou o próprio acontecimento em questão têm menos destaque.

Tal acontece pela importância da figura e da celebridade, de um certo “culto” em relação a determinados artistas (ex.: Bob Dylan; Leonard Cohen; George Michael). Outra razão que levou a estes resultados foi, como referido anteriormente, a morte de vários artistas, que levou a que se escrevessem diferentes artigos sobre esse tema, centrando-se não tanto no trabalho artístico em si, mas na personagem/personalidade em questão, mostrando que o factor celebridade continua a ser de grande destaque

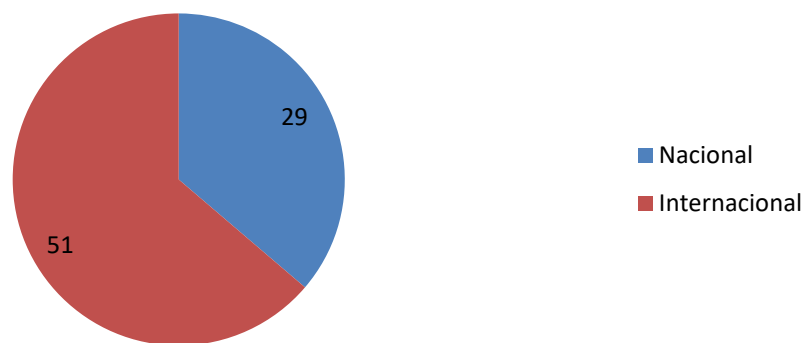
---

<sup>24</sup> Ver entrevista em anexo

no jornalismo cultural. Sobre o que faz com que um artista mereça ser falado no PÚBLICO, Vítor Belanciano refere dois factores: “(...) um é a sua relevância artística. Claro que, quando falamos de relevância artística, estamos a falar de um quadro sempre subjectivo, de uma avaliação subjectiva, mas para mim é esse o elemento principal. Depois, existe um outro elemento que acho muito importante que é, à falta de melhor definição, um quadro sociológico que tem a ver com aquilo de que as pessoas gostam e às quais o jornal tem de dar atenção, não que necessariamente porque tenham uma validade do ponto de vista artístico mas porque há um enquadramento sociológico, tem impacto na sociedade, e isso faz-nos olhar para aquele objecto tentando perceber por que é que tem impacto e relevância”<sup>25</sup>.

#### Localização:

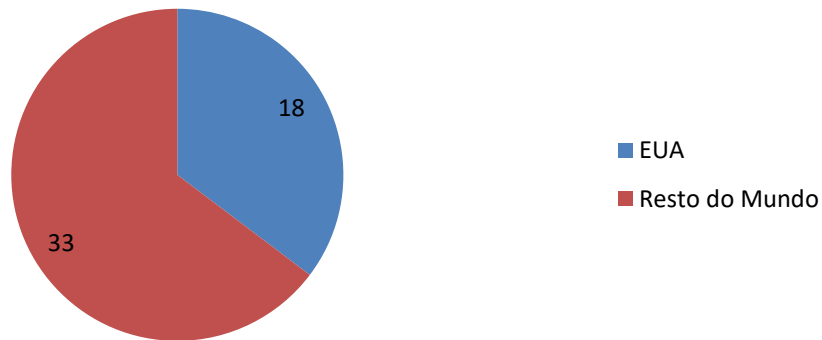
### Localização: nacional x internacional



---

<sup>25</sup> Ver entrevista em anexo

## Localização: EUA x resto do Mundo



Confere-se um maior destaque a artistas internacionais, de grande projecção, do que a artistas portuguesas. Dentro dos artistas internacionais, são os artistas dos Estados Unidos que se impõem em relação ao resto do mundo, mostrando que apesar do carácter intelectual e elitista do PÚBLICO, há semelhanças com publicações mais *mainstream*.

É de salientar que para o PÚBLICO, “música internacional” parece ser sinónimo de “música anglo-saxónica”, não havendo praticamente interesse ou artigos sobre música europeia ou mesmo latino-americana, com excepção da música brasileira. Mais importante do que a nacionalidade dos artistas ou dos acontecimentos, parece ser o idioma em que cantam, dado que é a artistas norte-americanos ou britânicos que é dado o maior destaque, seguido de artistas lusófonos (especialmente brasileiros – note-se a importância dada, por exemplo, a Elza Soares).

Neste sentido, o PÚBLICO aproxima-se da maioria das coberturas musicais realizadas na comunicação social portuguesa, ainda que mantenha uma certa imagem de elitismo. Na generalidade, cobre o mesmo tipo de artistas que muitos outros exemplos da imprensa portuguesa.

## CONCLUSÃO

Ter estagiado no PÚBLICO, a minha primeira escolha entre tantos outros órgãos de comunicação social em Portugal, foi uma experiência gratificante por me ter dado a oportunidade de entender como funciona um jornal diário, e sobretudo por me ter ensinado novas técnicas jornalísticas, como foi dito no primeiro capítulo deste relatório.

Em relação ao que é jornalismo cultural, tema abordado no segundo capítulo, foi visto que o próprio conceito deste está intimamente ligado ao conceito de cultura, como sugerem alguns autores. No jornalismo cultural português, é a visão mais clássica e ilustrada de cultura que predomina. No entanto, apesar da importância que tem em diferentes países, em Portugal o jornalismo cultural não tem grande dimensão, tal como acontece com o jornalismo de música. É visto ainda que o jornalismo de música em Portugal passou por diferentes fases, e que as visões sobre o papel do jornalista de música não são unânimes.

Deste modo, como visto no terceiro capítulo, o jornalismo cultural do PÚBLICO é um reflexo do jornalismo cultural no país. É a visão clássica de cultura que tem maior expressão - e este facto conjuga-se perfeitamente com o elitismo do jornal – apesar de já abranger áreas mais alternativas dentro da cultura (como é o caso do design ou mesmo da televisão). Já na cobertura de música, vários aspectos convergem: tenta-se um equilíbrio entre fenómenos musicais recentes e velhos conhecidos do público português, o acontecimento e o artista batalham por uma posição de topo na escolha do enquadramento do artigo... Para investigar estes aspectos e poder fazer um breve retrato da cobertura de música do jornal, procedeu-se a uma análise de conteúdos, complementada com entrevistas aos jornalistas de música do PÚBLICO. Deste modo, algumas das conclusões a que se pode chegar sobre a cobertura musical deste jornal são:

- O jornalismo de música do PÚBLICO é maioritariamente de agenda. A maioria dos artigos escreve-se em relação ao que marca a agenda cultural do momento,

havendo pouco espaço para histórias que se encaixem fora desse parâmetro. Apesar de este factor ser sobretudo notório na música, verifica-se em praticamente todas as áreas da cultura que o PÚBLICO cobre, de acordo com a observação realizada durante o período de estágio.

- É o artista o principal enquadramento dos textos jornalísticos. O factor celebridade/figura pública parece ser, também no PÚBLICO, um elemento de grande importância na cobertura musical que realiza. O enquadramento liga-se ainda aos valores-notícia mais frequentes, entre os quais se destacam precisamente lançamentos de disco e apresentações ao vivo (concertos, festivais...).

- Dá-se preferência à música internacional anglo-saxónica, mas também a música nacional tem uma forte expressão. De certo modo, acaba por haver um equilíbrio entre os fenómenos musicais do momento e música em “efervescência”. Citando o jornalista Mário Lopes: “o que o PÚBLICO – o Ípsilon – faz é ter que jogar em quase dois planos diferentes que é, por um lado, estar atento àquilo que é inevitável e obrigatório cobrir, pelo seu mediatismo e protagonismo e, ao mesmo tempo, estar a dar pistas do futuro ou tentar perceber aquilo que está a borbulhar além desse *mainstream*. E isso é um equilíbrio que nem sempre é muito habitual e pode não ser fácil de gerir, mas temos tentado fazê-lo da melhor maneira”<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> Ver entrevista em anexo

## BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Manuel (1999). *Teorias da Cultura*. Lisboa: Edições Colibri.

BELANCIANO, Vítor (2016). A sobrançeria das elites culturais. *Público*. 2016. Disponível em: <https://www.publico.pt/2016/10/28/culturaipilon/noticia/a-sobrançeria-das-elites-culturais-1749094>

DEWERTH-PALLMEYER, Dwight (2009). The nature and function of the media arts critic. *New Jersey Journal of Communication*, 11 (1). Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15456870309367440>

ELIOT, T.S. (1962). *Notes towards the Definition of Culture*. Faber and Faber Limited.

HARRIES, Gemma; WAHL-JORGENSEN, Karin (2007). The culture of arts journalists: elitists, saviors or manic depressives? *Journalism*, 8 (6). Disponível em: [http://www.academia.edu/522337/Harries\\_G\\_and\\_Wahl-Jorgensen\\_K\\_2007\\_The\\_culture\\_of\\_arts\\_journalists\\_Elitists\\_saviors\\_or\\_manic\\_depressives\\_Journalism\\_8\\_6\\_619-639](http://www.academia.edu/522337/Harries_G_and_Wahl-Jorgensen_K_2007_The_culture_of_arts_journalists_Elitists_saviors_or_manic_depressives_Journalism_8_6_619-639)

NUNES, Pedro (2004). Popular music and the public sphere: the case of portuguese music journalism. Tese de Doutoramento, Stirling Media Research Institute, Universidade de Stirling, Escócia.

NUNES, Pedro. "O Jornalismo Pop-Rock em Portugal: entre o grilo falante da indústria e a esfera pública", 6º Congresso Sopcom, Universidade Lusófona, Lisboa, 14-18 Abril de 2009.

PIZA, Daniel (2003). *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Editora Contexto.

PÚBLICO. <http://www.publico.pt/> (acedido diariamente durante a escrita do relatório).

SANTOS SILVA, Dora (2012). *Cultura e jornalismo cultural: tendências e desafios no contexto das indústrias culturais e criativas*. Lisboa: Media XXI.

SANTOS SILVA, Dora. “Tendências do jornalismo cultural em Portugal”, 6º Congresso Sopcom, Universidade Lusófona, Lisboa, 14-18 Abril de 2009.

TORRES DA SILVA, Marisa (2014). Jornalismo musical: estratégias enunciativas e retóricas. Contributos para uma análise discursiva. Revista Comunicação Midiática, 9 (1). Disponível em: <http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/article/view/428>

UNESCO (2002), Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>

## ANEXOS

### Anexo A: Estatuto editorial do PÚBLICO

#### ESTATUTO EDITORIAL DO PÚBLICO:

**Público** é um projecto de informação em sintonia com o processo de mudanças tecnológicas e de civilização no espaço público contemporâneo.

**Público** é um jornal diário de grande informação, orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica.

**Público** inscreve-se numa tradição europeia de jornalismo exigente e de qualidade, recusando o sensacionalismo e a exploração mercantil da matéria informativa.

**Público** aposta numa informação diversificada, abrangendo os mais variados campos de actividade e correspondendo às motivações e interesses de um público plural.

**Público** entende que as novas possibilidades técnicas de informação implicam um jornalismo eficaz, atractivo e imaginativo na sua permanente comunicação com os leitores.

**Público** estabelece as suas opções editoriais sem hierarquias prévias entre os diversos sectores de actividade, numa constante disponibilidade para o estímulo dos acontecimentos e situações que, quotidianamente, são noticiados e comentados.

**Público** considera que a existência de uma opinião pública informada, activa e interveniente é condição fundamental da democracia e da dinâmica de uma sociedade

aberta, que não fixa fronteiras regionais, nacionais e culturais aos movimentos de comunicação e opinião.

**Público** participa no debate das grandes questões que se colocam à sociedade portuguesa na perspectiva da construção do espaço europeu e de um novo quadro internacional de relações.

**Público** é responsável apenas perante os leitores, numa relação rigorosa e transparente, autónoma do poder político e independente de poderes particulares.

**Público** reconhece como seu único limite o espaço privado dos cidadãos e tem como limiar de existência a sua credibilidade pública.

## Anexo B: Exemplos de trabalhos realizados

B.1:

# *What would you do?*, canta Chris Brown ao sair da prisão

Canção foi editada menos de 24 horas depois de o músico ter sido detido por ameaçar com arma de fogo a modelo Baylee Curran durante uma festa.

PÚBLICO

2 de Setembro de 2016, 15:24

Partilhar notícia – 38 PARTILHAS



Já em 2009 foi muito mediatizado o caso de violência doméstica envolvendo Rihanna. DR

Chris Brown acaba de lançar uma nova canção. *What Would You Do* surge menos de 24 horas depois de ter sido detido por ameaçar, durante uma festa em casa, a modelo californiana Baylee Curran com uma arma de fogo. A imprensa internacional relaciona a canção com a detenção do cantor americano de R&B, mundialmente conhecido por temas como *With you* e *Turn up the music*.

Brown encontra-se em liberdade condicional depois de pagar uma fiança de 250 mil dólares (aproximadamente 223 mil euros). “Com toda a porcaria que está a acontecer, vou dar a outra face e lançar músicas”, disse num [vídeo na conta oficial da rede social Instagram](#), horas antes de divulgar a nova canção. Chris Brown irá a tribunal dia 20 de Setembro.

Já na semana anterior tinha publicado [Grass ain't greener](#), canção que estará incluída em *Heartbreak on a Full Moon*, o seu próximo álbum, ainda sem data. A RCA Records, editora do cantor, afirma que *What would you do* não é um *single* do próximo álbum.

Não é a primeira vez que Chris Brown se envolve em casos de violência. O mais mediático deu-se em 2009, quando foi acusado de agredir Rihanna, na altura sua namorada, antes da cerimónia dos Grammy Awards. Brown também já foi acusado de atacar o seu antigo *manager*, Mike G, e de causar distúrbios em várias ocasiões.

B.2:

# Um festival que vai de Shakespeare a Caetano Veloso

A segunda edição do Festival Internacional de Cultura (FIC) começa esta sexta-feira, em Cascais.

ADRIANA DIAS

8 de Setembro de 2016, 18:47

Partilhar notícia – 366 PARTILHAS



A Casa das Histórias Paula Rego será um dos espaços do festival. DANIEL ROCHA

A cultura é uma forma de olhar o mundo. É esta a filosofia do [Festival Internacional de Cultura \(FIC\)](#), em que a literatura está em destaque,

mas onde há espaço para todas as artes. Desta sexta-feira até ao dia 18 de Setembro, a segunda edição do FIC terá literatura, concertos, debates, teatro e exposições em espaços como a Casa das Histórias, o Centro Cultural de Cascais e o Jardim Visconde da Luz.

Entre os mais de 65 convidados, 20 dos quais internacionais, sobressaem o escritor espanhol Arturo Pérez-Reverte, os britânicos David Lodge e Andrew Morton, o francês Mathias Énard, o compositor brasileiro Caetano Veloso e o poeta Antonio Cícero, que esta sexta-feira, às 19h, abrem os encontros questionando se a identidade cultural é uma utopia.

O prato forte do festival são os debates, muitos de carácter literário (como *A literatura pode transformar o mundo?*, com Ana Margarida de Carvalho, Maria Manuel Viana, Nuno Camarneiro e Mathias Énard, 12 de Setembro, às 22h) mas onde também não falta discussão política (*A política em tempos de indignação*, 10 de Setembro, às 19h, com a eurodeputada Marisa Matias e o filósofo espanhol Daniel Innerarity, é um exemplo).

Há ainda conversas com escritores, como aquela entre Patrícia Reis e Arturo Pérez-Reverte (14 de Setembro, às 22h) e entre Inês Pedrosa e David Lodge (18 de Setembro, às 22h), sessões de autógrafos, ciclos de cinema, artes de rua e concertos de artistas como Cuca Roseta, João Gil e Ana Mesquita ou o Moscow Piano Quartet.

“Nos vectores principais, o festival mantém-se o mesmo, continua a não ser um festival só de literatura, mas de cultura. No ano passado estava mais ligado a África e este ano ao Brasil”, afirma ao PÚBLICO Inês Pedrosa, programadora dos debates do festival e para quem “a dimensão da ponte existente entre os dois países é muito importante”. “O Brasil é uma potência cultural com enorme relevância”, reforça.

Cada edição do FIC ergue-se em torno de uma figura central da cultura. Se no ano passado o autor a homenagear foi Cervantes, este é o ano de

Shakespeare, 400 anos após a sua morte. A obra do dramaturgo inglês estará em destaque dia 17, com apresentações do TEC – Teatro Experimental de Cascais.

“Este festival pretende uma visão global e integradora da cultura”, diz Inês Pedrosa, para quem o espectáculo/aula-show no mesmo sábado, às 23h, *Vinicius e Tom: Palavra e Música*, de José Miguel Wisnik com Paula Morelenbaum, será um dos momentos altos.

O FIC é organizado pelo grupo editorial LeYa em conjunto com a Câmara Municipal de Cascais e a Fundação Dom Luís I. A maioria das actividades é gratuita (há bilhetes para as exposições e as sessões de cinema).

*Texto editado por Isabel Coutinho*

B.3:

## Milhares de episódios de séries e nem 20% são realizados por mulheres ou não-brancos

Canais generalistas e de cabo mais igualitários do que serviços de *streaming* ou canais *premium*, diz relatório da Directors Guild of America.

ADRIANA DIAS

14 de Setembro de 2016, 12:18

Partilhar notícia - 256 PARTILHAS



Being Mary Jane foi considerada a melhor série a nível de igualdade de oportunidades. DR

A Guilda dos Realizadores (Directors Guild of America, organização laboral que representa os realizadores norte-americanos) apresentou um [novo relatório sobre a contratação de mulheres e minorias étnicas](#)

para a realização televisiva. Para a organização, foram conseguidas apenas “pequenas melhorias” em relação à temporada anterior, de 2014-2015.

O relatório analisou mais de 4000 episódios de 299 séries de ficção em canais generalistas de sinal aberto, canais por subscrição e ainda séries em *streaming* e vídeo *on demand* da temporada televisiva 2015-2016. Apenas 17% desses episódios foram realizados por mulheres, 1% mais do que no ano anterior, o que resulta num total de 702 episódios. Os realizadores e realizadoras não-caucasianos contratados para a mesma época trabalharam apenas em 19% dos episódios, 783 no total. No ano anterior tinham realizado 18%.

Paris Barclay, presidente da Guilda dos Realizadores, explica no relatório que “estes números mostram uma lacuna no progresso desta indústria” e que “serão necessárias novas formas de contratar pessoas, como entrevistar candidatos mais diversificados”. No relatório, é possível ver que a diversificação das plataformas de exibição e produção de séries, com a entrada no mercado de serviços como o Netflix, o Hulu e a Amazon, por exemplo, não corresponde a uma maior diversidade no que diz respeito à contratação de realizadores.

A Guilda dos Realizadores mostra ainda que os canais generalistas de sinal aberto, seguidos pelos canais por subscrição de pacote básico, são mais “igualitários” do que as séries para serviços de canais *premium* ou *streaming* e vídeo *on demand*.

Para a organização, algumas das séries mais bem classificadas (consideram-se “boas” as séries em que mais de 40% dos episódios são realizados por mulheres ou minorias étnicas) são *Being Mary Jane*, *The Game* ou *Transparent*. Mais abaixo na lista das séries com essa quota cumprida surgem *Segurança Nacional*, *Girls*, *Mentes Criminosas*, *Empire* ou *Uma Família Muito Moderna*. Já ter feito (ou não) parte da lista em anos anteriores pesa também na avaliação feita.

Este ano, subiu para 73 o número de séries "boas", em relação às 57 do ano passado. Um dos exemplos é o do estúdio BET Productions (Black Entertainment Television) e da produtora Shonda Rhimes, que contratam de forma mais paritária mulheres e não-brancos para realizar episódios das séries que produzem (por exemplo *Anatomia de Grey*, de Rhimes, tem 58% dos episódios realizados por mulheres e minorias étnicas).

Contam-se 57 séries na lista das mais mal colocadas (a organização considera "más" as séries em que menos de 15% dos episódios são realizados por mulheres ou não-caucasianos). Entre essas 57 séries, 30 não contrataram indivíduos de qualquer desses grupos para realizar episódios. Entre as séries mais mal colocadas estão por exemplo *Workaholics*, *Gotham*, *Velas Negras* e *It's Always Sunny In Philadelphia*. Esta última é destacada no relatório por não ter contratado realizadores de minorias étnicas nem mulheres desde o seu início, em 2005. No entanto, o número de séries "más" diminuiu em relação a 2014-2015 -eram 61 nessa temporada.

Não é apenas na realização de séries televisivas que se notam desigualdades. Também na realização cinematográfica é possível ver este problema. Em 2015, apenas 19% das profissionais de realização, argumento, produção, montagem e fotografia em Hollywood eram mulheres. Em 2014, eram 17%. As protagonistas femininas começam a ser mais frequentes, mas são quase sempre brancas. A questão não se cinge apenas aos Estados Unidos, mas sim ao mundo inteiro. Por exemplo, na Europa em 2012 apenas 17,5% dos trabalhadores da área do cinema eram mulheres. Segundo o Centro Nacional de Cinema francês, a disparidade chega também aos salários, com as mulheres a ganharem cerca de 30% menos do que os homens. Em Portugal, apenas 27% dos realizadores era do sexo feminino em 2013.

**Texto editado por Joana Amaral Cardoso**

B.4:

## Quem quer ser David Bowie?

Will Brooker, professor universitário em Londres, passou um ano a viver como David Bowie para escrever um livro sobre o “camaleão” da música pop. A experiência ficou registada no documentário *Being Bowie*, que estreou esta quinta-feira na conferência internacional sobre David Bowie, em Lisboa.

ADRIANA DIAS

24 de Setembro de 2016, 13:28

Partilhar notícia - 148 PARTILHAS



Fotografia retirada do Facebook de Will Brooker. DR

Will Brooker, escritor e professor de Cinema e Estudos Culturais na Universidade de Kingston em Londres, é fã de longa data de David Bowie. Como fã do artista e especialista em cultura pop, quis escrever um livro sobre uma das figuras que mais admira. Mas já havia muitos livros sobre Bowie, e Brooker não queria fazer algo comum. Tal como Bowie não era comum.

A melhor maneira de escrever um livro sobre Bowie seria compreender a sua vida. E que melhor maneira de compreender a sua vida do que vivendo como ele? De Junho de 2015 a Junho de 2016, Brooker dedicou-se a viver como Bowie, vestindo-se como o cantor, viajando pelas cidades em que Bowie viveu, dando concertos, tudo isto seguindo a ordem dos acontecimentos e das fases da vida do camaleão da *pop*. Resumiu a vida e a carreira artística de Bowie num ano. A experiência acabou por resultar no documentário *Being Bowie*. Uma hora de gravações para resumir um ano de uma experiência “difícil, cansativa e gratificante”.



**David Bowie visto de todos os ângulos na Faculdade de Letras de Lisboa**

O documentário, que segundo Brooker ainda terá mais uma “pequena dose de edição”, estreou na quinta-feira, 22 de Setembro, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no âmbito da *David Bowie Interart Text Media Conference*, uma conferência internacional sobre

o cantor, com cerca de 30 conferencistas de diferentes países. Brooker é um dos conferencistas principais.

“Isto nunca foi Bowie exactamente. Foi a minha interpretação”, disse na sessão de discussão do documentário, que descreveu como uma carta de amor a David Bowie e uma reflexão sobre personalidades.

“Tentei ligar-me a Bowie, imergindo no mundo dele. Mas não estava planeado ser um ano, o projecto simplesmente cresceu e evoluiu”, afirmou Brooker em entrevista ao PÚBLICO. *Forever Stardust*, o livro sobre Bowie para o qual esta experiência foi fundamental, sairá em Janeiro de 2017.

## **Ser David Bowie por um ano**

Entrar no mundo de David Bowie implicou viajar por Inglaterra, Estados Unidos, Suíça e Alemanha, onde grande parte do documentário tem lugar, dado o tempo em que Bowie viveu em Berlim. Levou a grandes viagens, uma das fases mais esgotantes da pesquisa, a momentos de privação de sono, a constantes viagens no tempo. Era necessário entrar nas épocas da vida de Bowie, entender o contexto que envolvia as personagens do artista.

“Há um verdadeiro David Jones e depois há performers. Há uma pessoa e depois há personagens. Há uma pessoa por trás de diferentes disfarces”, diz. E incorporou cada personagem e cada época. A androginia de Ziggy Stardust, a frieza de Thin White Duke, o homem de negócios da fase *Let's Dance*, entre tantos outros.

Brooker só lia o que Bowie lia em cada momento da sua vida, ouvia o mesmo que o artista ouvia. Vestia-se e maquilhava-se como Bowie. Passou por todas as fases da carreira do artista, deu concertos. Chegou mesmo a comer durante uma semana apenas pimentos vermelhos e leite, uma dieta que Bowie seguiu durante algum tempo. “Era necessário empenhar-me e comprometer-me com a experiência. Vi

muitas entrevistas, tentei perceber como se comportava e falava. Não tentei copiar coisas específicas, mas a dado momento entra-se em sintonia. E é preciso imaginar que se é aquela pessoa. É preciso dedicar-se por inteiro”, diz. No documentário, chega mesmo a afirmar a dado momento, numa entrevista a uma rádio, que já não existia Will Brooker.

Brooker ainda estava a dar aulas quando o projecto começou. Só parou em Dezembro para começar a escrever o livro. Os alunos já sabiam que iam começar a vê-lo como David Bowie e, segundo o professor, em geral aceitaram bem. “Não houve nem reacções negativas nem positivas por aí além, mas pareceu-me que aceitaram. Os jovens aceitam, não se surpreendem tanto. Alguns alunos chamavam-me 'David' a brincar. Eles já sabiam da experiência através dos *media*, apesar de eu também lhes ter falado do que ia começar a fazer. Mas acho que os alunos são tímidos. É muito britânico isto de não falar muito”, ri-se.

Para Brooker, o mais difícil deste processo foi continuar a experiência a partir da morte de Bowie, em Janeiro deste ano. Tudo se tornou mais negro com a perda da referência. “Tornou-se muito difícil continuar. Pensamos: 'a pessoa morreu, vale a pena continuar com isto?'. O projecto ficou sem sabor, perdeu toda a graça que tinha. E essa mudança de tom vê-se no documentário. Torna-se deprimente escrever sobre alguém que acabou de morrer”.

Brooker calcula que Bowie tenha tido conhecimento da experiência através da comunicação social, que acompanhou o projecto desde que começou. “Provavelmente soube, através de quem estava a trabalhar com ele na altura, e pela atenção mediática. Nunca houve comentários da parte dele, nem da equipa dele, mas é altamente possível que tenha sabido”.

E, afinal, o que significa Bowie para Brooker neste momento? “Vejo David Bowie como uma criação de David Jones. Diria que vejo David Robert Jones como um ser humano muito talentoso que criou uma personagem chamada David Bowie, e ainda bem que o fez. Sinto-me grato por David Bowie, resumindo”, afirma Brooker. E completa: “David Bowie é um conceito”.

**Texto editado por Mários Lopes**

B.5:

# Bruce Springsteen: “Bob Dylan é certamente um poeta”

Numa apresentação em Londres da autobiografia *Born no Run*, Springsteen elogiou o Nobel e criticou violentamente Trump.

PÚBLICO

19 de Outubro de 2016, 9:52

Partilhar notícia – 153 PARTILHAS



Springsteen mostrou-se feliz pela atribuição do Nobel da Literatura a Bob Dylan GARY CAMERON/REUTERS

Bruce Springsteen, em Londres numa apresentação da sua [autobiografia \*Born to Run\*](#) à imprensa europeia, juntou-se à lista dos que se mostram felizes pela [atribuição do prémio Nobel da Literatura a Bob Dylan](#). “*Like a Rolling Stone* foi uma das primeiras canções que ouvi que senti que mostrava uma versão real do meu país”, afirmou (citamos o diário britânico *The Guardian*), acrescentando que o trabalho de Dylan vai perdurar e continuar a soar alto, enquanto o de muitos músicos será esquecido. Comparando o seu trabalho com o de Dylan, comentou: “Bob é certamente um poeta, eu sou um operário que trabalha no duro”

No evento, que decorreu no Institute of Contemporary Arts de Londres, Springsteen voltou a atacar Donald Trump. O Boss, que já [tinha dito que Trump “é um idiota”](#), afirmou que “é terrível o que está a acontecer nos Estados Unidos” e que o candidato republicano “está a minar toda a tradição democrática”. Quando questionado sobre a atracção que Trump exerce, respondeu que “ninguém a consegue explicar”. Springsteen, apoiante de Barack Obama nas eleições de 2008 e 2012, já declarara numa entrevista à *Rolling Stone* que Hillary Clinton “seria uma presidente muito boa”.

Sobre a autobiografia, Springsteen destacou que o mais difícil foi escrever a secção final. “Mostrei aos meus filhos o que escrevi sobre eles. Discuti com a Patti [Scialfa, a mulher] sobre o final do livro e mesmo sem nos sentirmos totalmente confortáveis com algumas coisas, ela deu-me muito espaço para explorar”. Contou ainda como a difícil relação com o pai o afectou quando ele próprio teve filhos. “O mais complicado foi não ter um modelo para saber o que é ser um bom pai”, confessou, contando ainda que foi difícil habituar-se a gerir o tempo. “Tenho uma boa relação com os meus filhos. Não posso dizer que tenha sido perfeito, mas fiz o que pude”.

Ao falar da depressão que o afecta periodicamente, Springsteen disse que dar concertos o ajuda muito. Depois de três horas a tocar, está

“demasiado cansado para estar deprimido”, já que “para estar deprimido é preciso alguma energia”.

B.6:

# Capa a cores em Madrid

Imagens de soldados americanos e ingleses da Segunda Guerra Mundial, cenas do pós-guerra, momentos de ócio e da vida quotidiana, fotografias de figuras públicas ou pessoas em cafés: *Capa en Color* no Círculo de Belas Artes.

PÚBLICO

1 de Novembro de 2016, 7:33

Partilhar notícia - 5 PARTILHAS



Até 15 de Janeiro do próximo ano vão estar expostas em Madrid fotografias a cores de Robert Capa. O trabalho do fotojornalista estará no Círculo de Belas Artes da capital espanhola, na exposição *Capa en Color*, inaugurada dia 20 deste mês.

Capa, fotógrafo de guerra nascido em 1913 na Hungria, é conhecido pelas fotografias da Guerra Civil Espanhola. Esteve presente em algumas das mais importantes frentes de batalha, como a Segunda Guerra Mundial, tendo fotografado o desembarque dos aliados na Normandia. Morreu em 1954, ao pisar uma mina durante a guerra da Indochina. Nesse dia, levava duas máquinas consigo: uma tinha um filme a preto e branco, a outra a cores.

As suas fotografias mais conhecidas, como o instantâneo da morte de um miliciano perto de Córdova, Espanha, são a preto e branco. Porém, fotografava a cores desde 1941. Utilizava a cor para complementar a fotografia, mas muitas dessas imagens não foram publicadas dado o tempo necessário para as revelar, muito mais do que aquele que implica o preto e branco.

As primeiras imagens a cor de Capa mostram soldados americanos e ingleses da Segunda Guerra Mundial, mas são cenas do pós-guerra que figuram em algumas das suas fotografias a cor mais famosas. São momentos de ócio e da vida quotidiana, bem como fotografias de figuras públicas ou pessoas em cafés, num ponto de inflexão em relação ao seu trabalho mais conhecido.

A exposição que chega agora a Madrid já tinha estado [em 2013 em Nova Iorque](#), e [em 2015 chegara a Budapeste](#), ao Robert Capa Center, com um espólio de mais de 4000 negativos. Em Madrid incluirá mais de 150 imagens nunca impressas ou expostas em Espanha. É uma exposição organizada pelo próprio Círculo de Belas Artes de Madrid e pelo International Center of Photography e tem como curadora Cynthia Young.

O Círculo de Belas Artes terá ainda uma série de actividades relacionadas com a exposição, sendo a primeira uma conferência sobre reportagem de guerra com o fotógrafo Emilio Morenatti, a 14 de Novembro.

B.7:

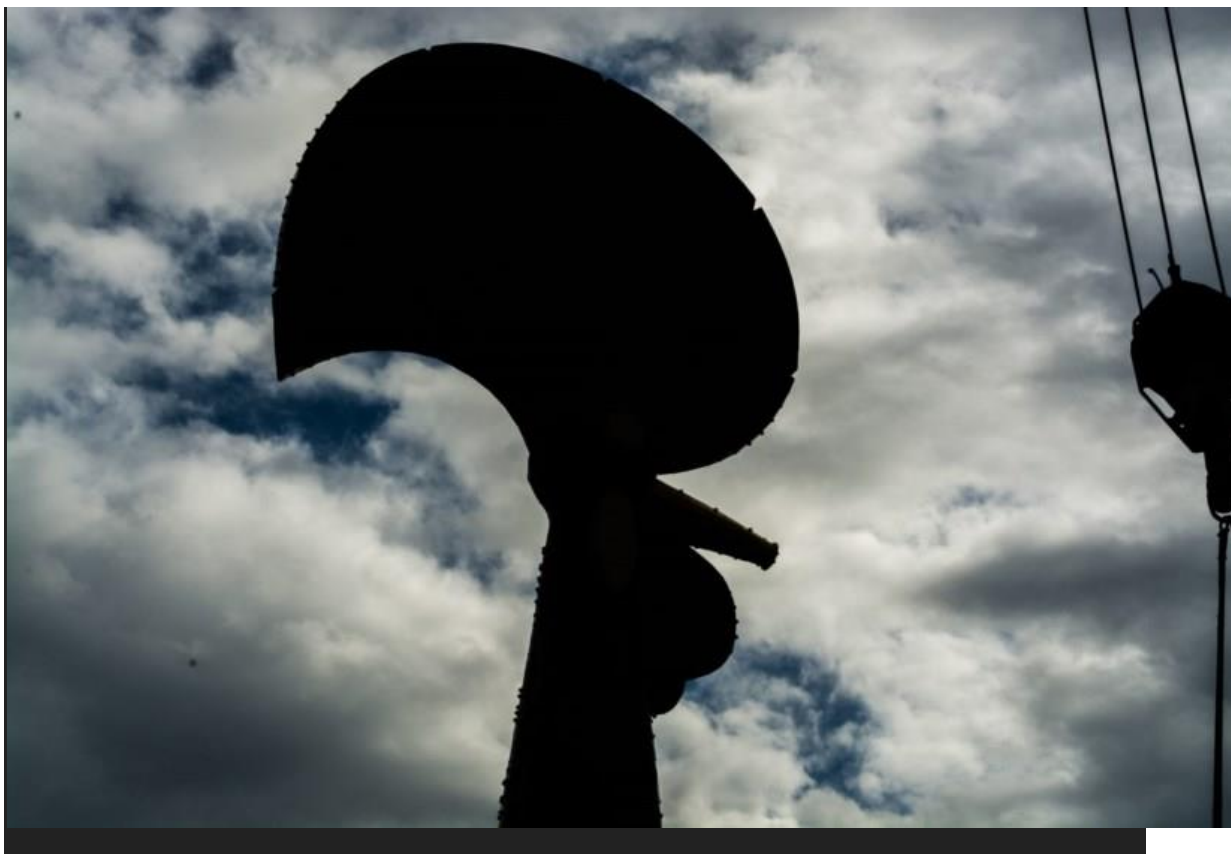
# Um galo de Barcelos gigante e tecnológico à beira do Tejo

De dia 6 de Novembro até ao final do mês o *Pop Galo* de Joana Vasconcelos vai estar na Ribeira das Naus.

ADRIANA DIAS

2 de Novembro de 2016, 19:27

Partilhar notícia 1320 - PARTILHAS



Um galo de Barcelos de 10 metros que pesa quase quatro toneladas, composto por 17.000 azulejos e 16.000 *leds*. É assim a nova obra de Joana Vasconcelos, *Pop Galo*, inaugurada no próximo domingo e que estará na Ribeira das Naus, em Lisboa até ao fim de Novembro, no

contexto do Web Summit Lisboa. “Tentei pegar num ícone tradicional e reposicioná-lo, dando-lhe uma nova perspectiva para o futuro”, disse Joana Vasconcelos ao PÚBLICO no final das montagens de *Pop Galo*.

Joana Vasconcelos já queria abordar o galo de Barcelos por ser um ícone da cultura portuguesa. “Será que a tradição ainda está presente? Será que as pessoas ainda sabem o que é o galo de Barcelos ou é apenas um objecto da cultura turística?”, questionou-se ao começar o projecto. Ao pesquisar sobre a sua história e simbologia, pensou que “ainda faz sentido existir hoje”. Decidiu revisitá-lo, cruzando elementos tradicionais e tecnológicos.

*Pop Galo* tem esse nome pela relação com a *pop art*, pelas cores evidenciadas pelas luzes *led* e pela relação com a tecnologia. “É o revisitar da cultura *pop*. A mistura de materiais inusitados que conjugados dão uma espécie de nova versão do nosso ambiente. Aqui, o que misturo são *leds* com azulejo, e são os *leds* que dão um lado tecnológico a este galo. E é a tecnologia que permite uma maior interacção com o público”.

A tecnologia é um dos aspectos fulcrais da obra, que terá ainda música, com composições de Jonas Runa. “É um galo tradicional durante o dia, com azulejos e que canta, e à noite é um galo do futuro, com luz e música”, afirma a artista, cuja nova obra terá também um *site* interactivo.

Quem se aproxima do *Pop Galo* com um telemóvel acede a toda a informação no *site* através de um código QR. Ao longo do tempo, vão sendo acrescentadas ao *site* as fotografias tiradas por quem vê a obra e informação sobre a simbologia do galo na cultura portuguesa e em todo o mundo. Para Joana Vasconcelos, é uma obra dinâmica, pela informação que vai ser acrescentada e pelas viagens que fará pelo mundo pois é desmontável, divisível em oito partes, o que lhe confere

mobilidade. “É uma obra que se vai construindo ao longo das viagens que faz e das pessoas que vão passando por ela”.

Joana Vasconcelos não consegue dizer qual o custo, porque “ainda não se conseguiu contabilizar tudo”, mas afirma ter sido elevado e destaca o apoio de patrocinadores e apoiantes, como o Azeite Gallo, sem os quais “não teria sido possível”. Um dos maiores custos está no transporte da peça.

*Pop Galo* deveria ter sido inaugurado em 2014, no Brasil, nas celebrações dos 450 anos da fundação da cidade do Rio de Janeiro, para as quais tinha sido idealizado, mas a situação política do outro lado do Atlântico acabou por impedir que tal acontecesse. A obra irá em Janeiro à China, a Pequim, para comemorar o Ano Chinês do Galo, e Joana Vasconcelos espera que a peça viaje por mais lugares em todo o mundo. “O desígnio do *Pop Galo* é fazer um paralelismo entre a simbologia do galo na cultura portuguesa e noutras culturas”, afirma Joana Vasconcelos. “É um galo transversal, multicultural”, completa.

Texto editado por Ana Fernandes

B.8:

# Com a professora no festival da Amadora antes de estudar BD na escola

Festival de BD da Amadora termina este domingo e Nuno Saraiva será um dos artistas na próxima edição.

ADRIANA DIAS

6 de Novembro de 2016, 9:12



Fotogaleria

PUB

XXV

Entrar no Fórum Luís de Camões, durante a semana, é encontrar uma visita de estudo em cada exposição do Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora, que assinala este ano a sua 27.<sup>a</sup> edição. No coração da Amadora BD, Gonçalo Alves, com os olhos presos a cada quadradinho, tira fotografias a tudo. “O tema é muito interessante, mais até do que no ano anterior”, afirma convicto este estudante do 7.º ano da Escola Secundária Fernando Namora, na Brandoa, que já vem ao festival desde os oito anos e se declara fã de Tintim. Margarida Abelha, sua colega, concorda. “Está muito bem feito. Estou a gostar”, diz a admiradora de Batman.

Estão ambos na exposição retrospectiva de *Zombie*, do português Marco Mendes, o autor em destaque desta edição, e onde a Amadora BD começa. Mas não se pense em histórias de terror (ou talvez sim). Os temas de *Zombie* são a precariedade, a emigração por falta de oportunidades, a praxe académica. O álbum de Marco Mendes, de carácter autobiográfico, é sobretudo uma reflexão sobre o quotidiano e a sociedade actual.

Mais à frente, é a escola básica de 2.º e 3.º ciclo D. Pedro IV, de Queluz, que encontramos. “Já vimos muita coisa”, afirmam Beatriz Almeida e Beatriz Martins, do 8.º ano. Impressionaram-se com as exposições menos infantis “por serem uma crítica à realidade”. Como outros alunos da escola, nunca tinham ido ao festival, apesar de gostarem de banda desenhada. “Para nós, crianças, às vezes é mais fácil ler assim do que só textos!”

Na turma, os gostos relativamente a autores e heróis variam. Só há uma constante: a maior parte diz que aprendeu a gostar de banda desenhada com os pais, que liam *Mafalda* ou *A Turma da Mónica*, entre outros. Clara Teixeira, professora de Educação Visual que acompanha a turma, acha a exposição bastante diversificada. “Abrange todas as partes que constituem uma banda desenhada. Por exemplo na exposição central temos o quadradinho, a elipse... Está bem feito e

achei importante trazê-los, já que vamos estudar a banda desenhada no segundo período".

## **Espaço, tempo e um *cowboy* que faz 70 anos**

No mesmo piso, segue-se a exposição central, dedicada ao espaço e ao tempo na banda desenhada, com três autores em destaque: Hergé, Hugo Pratt e Moebius. O tema foi sugestão da Trienal de Arquitectura, que apoia a Amadora BD. “A ideia é dar uma perspectiva mais alargada destes dois conceitos. Não ser uma exposição de arquitectura e banda desenhada, mas sobre espaço e tempo”, diz Eduardo Côrte-Real, comissário da exposição juntamente com Susana Oliveira.

Os comissários dividiram-na a exposição em categorias. A primeira é o início de uma banda desenhada. “Os primeiros momentos dizem logo: isto passa-se aqui nesta época. Chamamos a isso o *establishing shot*”, afirma Susana Oliveira. Sobre a escolha dos autores, é Côrte-Real que explica. “São três autores de referência. Hergé é uma percepção clássica do tempo e do espaço, separado-os; Pratt é uma percepção moderna, que mede e relaciona as duas categorias; e Moebius é o contemporâneo, em que espaço e tempo são a mesma coisa”.

Lucky Luke, o *cowboy* mais rápido do que a própria sombra que já faz 70 anos, é outro protagonista do festival, que teve na sexta-feira o lançamento mundial do novo álbum *A Terra Prometida*. Para Nelson Dona, na direcção do festival desde 1999, há ainda outra razão para a exposição de homenagem. “Morris, o criador de Lucky Luke, foi o primeiro convidado internacional da Amadora em 1990. Era para ser apenas uma pequena iniciativa de homenagem a artistas e personalidades da Amadora, mas ao vir o Morris o evento teve uma projecção mediática extraordinária e abriu portas para a sua internacionalização”.

## **Entre o mundo das crianças e a crítica social**

No piso inferior, um dos destaques é a exposição do Concurso Nacional de Banda Desenhada e Cartoon, cujo tema são os 50 anos da ponte 25 de Abril, onde existem trabalhos de criadores de todas as idades, e a exposição do Concurso Municipal de Banda Desenhada e Ilustração, com trabalhos de alunos de escolas de 1.º e 2.º ciclo da Amadora. Há outras exposições, como as dedicadas à ilustração de livros infantis em Portugal e no estrangeiro, com os premiados *O Tempo do Gigante*, do espanhol Manuel Marsol, e *Daqui Ninguém Passa*, do português Bernardo Carvalho. No mesmo piso, existe um atelier infantil onde as crianças criam as suas BD. “Há miúdos bem criativos, com mais imaginação do que eu!”, ri-se Gonçalo Serafim, da Amadora BD.

Mas a banda desenhada não é apenas para crianças: *Democracia*, dos gregos Alecos Papadatos e Abraham Kawa, e *Papá em África, do sul-africano Anton Kannemeyer*, mostram fortes componentes políticas e sociais por trás das vinhetas. *Papá em África*, por exemplo, não deixa de ser uma crítica ao racismo de *Tintim no Congo*. “Gostamos de levantar estas questões, que as pessoas se venham divertir com um Lucky Luke que faz 70 anos, mas também que tenham outro tipo de BD que as façam pensar sobre o que é a contemporaneidade”, diz o director.

A edição da Amadora BD termina este domingo, mas ainda não há números para a edição deste ano num festival que costuma rondar os 30.000 visitantes.

Sobre a próxima edição, Nelson Dona avança alguns detalhes. “Nuno Saraiva será um dos artistas em destaque para o ano, com a vitória este ano do prémio de *melhor álbum português com Tudo Isto é Fado*. Mário Freitas, que ganhou o prémio de melhor argumento, e Miguelanxo Prado, com o melhor álbum de autor estrangeiro, também serão artistas obviamente em destaque.”

**Texto editado por Isabel Salema**

B.9:

# A Barcelona de Carlos Ruiz Zafón está de regresso

*O Labirinto dos Espíritos* chega esta quarta-feira a Portugal. E assim se encerra o ciclo da saga começada em 2001 com *A Sombra do Vento* e que se tornou um fenómeno de culto à escala mundial.

ADRIANA DIAS

23 de Novembro de 2016, 7:10

Partilhar notícia – 2548 PARTILHAS



Há 15 anos, os editores não acreditavam que uma história com literatura e livreiros no coração da intriga pudesse ter sucesso. Mesmo assim, decidiram publicá-la. E o fenómeno de culto começava. Carlos Ruiz Zafón lançava *A Sombra do Vento* e tornava-se um dos autores espanhóis mais vendidos no mundo inteiro. A saga continuou com *O Jogo do Anjo* (2008) e *O Prisioneiro do Céu* (2011). Em 2012, Zafón afirmava em entrevista ao PÚBLICO que esperava ter a quarta parte da saga terminada em dois anos. Foi necessário afinal mais tempo do que previa. Escreveu e rescreveu o último livro até lhe parecer que correspondia às expectativas dos leitores. O fim da tetralogia *O Cemitério dos Livros Esquecidos* chegou com *O Labirinto dos Espíritos*, que a partir desta quarta-feira está disponível em tradução portuguesa, editada pela Planeta. Zafón virá pessoalmente apresentar o livro a Lisboa (Salão Nobre da Academia de Ciências) às 17h do dia 11 de Dezembro, numa conversa aberta ao público com o jornalista da Antena 2 Luís Caetano, seguida de sessão de autógrafos.

“Naquela noite sonhei que voltava ao Cemitério dos Livros Esquecidos. Voltava a ter dez anos e acordava no meu antigo quarto para sentir que a recordação do rosto da minha mãe me tinha abandonado. E, desse modo, como se sabe as coisas nos sonhos, sabia que a culpa era minha e só minha, porque não merecia recordá-lo, porque não fora capaz de lhe fazer justiça.”

É assim que começa *O Labirinto dos Espíritos*. Em entrevista ao canal de televisão espanhol Antena 3, Zafón afirmou que foi o volume que mais lhe custou escrever, mas também o que lhe deu mais satisfação. Os quatro livros são independentes uns dos outros e podem ler-se pela ordem que se quiser, mas têm personagens em comum e um espaço transversal a toda a saga: uma biblioteca fantástica, o Cemitério dos

Livros Esquecidos, que dá nome à tetralogia. Une-os ainda outro aspecto: em cada história há um livro dentro do próprio livro.

A ideia do Cemitério dos Livros Esquecidos surgiu quando o escritor reflectia em Los Angeles sobre a quantidade de coisas que todos os dias se perdiam ou esqueciam. Daí surgiu a imagem de uma biblioteca especial, destinada a guardar os exemplares de tantos livros abandonados pela cidade mas cativos na alma dos seus leitores. Uma imagem que neste livro é explorada mais a fundo, ao longo das mais de 800 páginas que reúnem as personagens de toda a saga, de David Martín a Julián Carax, e ligam finalmente as pontas soltas dos diversos enigmas espalhados pelos anteriores volumes.

Em *O Labirinto dos Espíritos*, os leitores voltarão a encontrar Daniel Sempere e Fermín Romero de Torres, protagonistas da saga. Daniel tenta resolver o mistério da morte da mãe, mas as respostas só serão encontradas com o aparecimento de uma nova personagem que terá um papel determinante na história: Alicia Gris, sobrevivente dos bombardeamentos da Guerra Civil Espanhola, que comanda uma investigação sobre o ministro Mauricio Valls, agora desaparecido. No entanto, descobrir os segredos da história da família Sempere terá um preço a pagar.

Zafón, em entrevistas à imprensa espanhola, destacou a nova personagem Alicia Gris como uma das suas criações favoritas, inspirada na Alice de Lewis Carrol. É, diz o autor, uma Alicia “na Barcelona das maravilhas, que afinal é uma Barcelona de trevas”, a Barcelona sob o regime franquista, da miséria, da censura e da fome. No entanto, se há uma personagem emblemática de todos os livros, arriscamo-nos a dizer que é Fermín, o mendigo que é “a voz da consciência” e a personagem picaresca da saga. É de tal forma importante que teve direito a uma [carta de despedida de Zafón, publicada no jornal espanhol \*El País\*](#). Zafón diz a Fermín que ainda se lembra do dia “em que o encontrou a caminho do Cemitério dos Livros

Esquecidos" e lembra a sua capacidade de roubar a cena ao protagonista Daniel Sempere. Despede-se dizendo que chegou o grande final e que a aventura literária “valeu a pena”. Há personagens que nunca abandonam os seus autores.



Carlos Ruiz Zafón em 2012, de passagem por Lisboa DANIEL ROCHA

## A máquina de *bestsellers*

Zafón é uma máquina de fazer *bestsellers*. Só em Espanha, *O Labirinto dos Espíritos* teve uma primeira edição de 700 mil exemplares, e isto apenas em espanhol, já que se lançou simultaneamente uma edição em catalão com uma tiragem de 50 mil exemplares. Serão milhares de edições um pouco pelo mundo inteiro. Em Portugal, outro país rendido aos livros de Zafón, foi *A Sombra do Vento*, actualmente incluído no Plano Nacional de Leitura, o volume que mais vendeu até ao momento.

Uma das principais razões do sucesso de Zafón é a forma como escreve. Mesmo nos livros juvenis com que começou a carreira (*O Príncipe da Neblina*, *O Palácio da Meia-Noite*, *As Luzes de Setembro* e *Marina*), já se notavam, além da intriga de aventura, elementos fantásticos e um certo tom de mistério e melancolia que caracteriza *O Cemitério dos Livros Perdidos*. Mas também a convergência entre realidade e ficção, os diálogos rápidos e intensos, e as diferentes vozes narrativas, com histórias dentro da história principal.

Surpreendentemente, apesar dos aspectos cinematográficos da escrita de Zafón e do sucesso internacional que tem, nenhum livro seu foi transformado em filme. “Já mo propuseram várias vezes. Mas está bem que, por uma vez, um livro fique como está, sem uma adaptação cinematográfica”, afirmou o autor na Feira do Livro de Guadalajara, México, em 2004. Este mês, na apresentação à comunicação social espanhola do quarto livro, sublinhou o que dissera anteriormente, garantindo que “nunca” vai haver um filme de *O Cemitério dos Livros Esquecidos*. No entanto, já houve uma “adaptação musical” do primeiro livro, para o qual Zafón compôs uma série de temas ao piano para diferentes personagens e situações, já que, diz frequentemente, compor o ajuda a escrever. A banda sonora de Zafón foi apresentada no Palau de la Música, em Barcelona, em 2014.

Como seria de esperar, o sucesso mundial do escritor também vive *on-line*. No Twitter e no Instagram há milhões de publicações com frases ou referências ao autor. No YouTube, são mais de 57 mil os vídeos sobre Zafón e as suas obras. E Zafón é ainda um dos 25 nomes mais associados ao *hashtag* #livro na Internet e nas redes sociais por todo o mundo.

## Uma cidade para ser lida

Toda a saga de *O Cemitério dos Livros Esquecidos* tem lugar em Barcelona. Apesar de viver actualmente em Los Angeles, nos Estados Unidos, e de aí ter começado a escrever a tetralogia, foi Barcelona a cidade escolhida para os mistérios da saga. Ainda que em *O Labirinto dos Espíritos* haja momentos em Madrid e em S'Agaró (Costa Brava), é Barcelona que continua a ser o espaço principal da obra. Uma Barcelona que não é a Barcelona dos turistas, mas uma cidade misteriosa, entre o real e o fantástico, quase uma personagem também, com alma própria.

A presença dominadora da cidade na tetralogia e a carga mística que Zafón nela inscreveu atraem visitantes curiosos por percorrer a mesma Barcelona das personagens dos quatro romances, havendo já visitas guiadas que são verdadeiros roteiros literários com base nas obras de Zafón, percorrendo maioritariamente o Bairro Gótico, no centro da cidade. E existe mesmo um *Guia da Barcelona de Carlos Ruiz Zafón, livro de Sergi Doria* baseado em *Marina*, o último dos livros juvenis de Zafón, sem ligação com a tetralogia, e nos dois primeiros volumes de *O Cemitério dos Livros Esquecidos*. Não pretende ser um guia turístico, mas sim um passeio pela cidade através dos livros de Zafón.

No primeiro livro da saga, lia-se pela voz de Fermín que Barcelona era uma cidade feiticeira, “que nos rouba a alma”. Essa ideia continua pelos volumes seguintes; a frase chega mesmo a ser repetida neste livro que encerra a tetralogia. Como se fosse o único lugar em que aquela

aventura pudesse acontecer. Assim parece ser com Zafón. Por mais longe que esteja de Barcelona, é aquele o lugar da escrita. E o lugar que ficará para sempre na imaginação dos leitores.

**Texto editado por Inês Nadais**

B.10:

## A nova rádio de Luís Montez já está no ar

A SBSR.fm, associada ao festival Super Bock Super Rock, vai dedicar especial atenção a novos músicos portugueses.

ADRIANA DIAS

29 de Novembro de 2016, 18:05

Partilhar notícia - 9 PARTILHAS



A rádio SBSR vai estar associada ao festival Super Bock Super Rock. JOSÉ SARMENTO MATOS

A [nova rádio do promotor de espectáculos Luís Montez, a SBSR.fm, está no ar](#) a partir desta terça-feira. A rádio vai ouvir-se em Lisboa e no Porto, e tem ainda um *site* para que se possa ouvir “por todo o mundo”.

O objectivo principal da SBSR.fm, dizem os promotores, é divulgar nova música, apostando em artistas nacionais e internacionais, mas com atenção especial à nova música portuguesa. Situada nas instalações da anterior rádio Nostalgia, em Lisboa, a SBSR.fm estará, como o próprio nome indica, associada ao festival Super Bock Super Rock.

Tendo em conta que a Super Bock é uma marca de cerveja da UNICER, a Entidade Reguladora para a Comunicação Social, no parecer emitido a 22 de Novembro, autorizou a modificação do projecto e a alteração da denominação de Rádio Nostalgia para Rádio SBSR na condição de que a venda de espaço publicitário àquela empresa não exceda os 50% do total de tempo de emissão reservado à publicidade. E lembrou que a publicidade a bebidas alcoólicas está proibida na rádio entre as 7h e as 22h30.

Para Luís Montez, o festival, que existe há 22 anos, precisava de uma boa forma de promoção. “Como o festival tem nomes conhecidos e outros menos conhecidos, havia a necessidade de uma plataforma no Grande Porto e na Grande Lisboa para divulgar música”, diz ao PÚBLICO. Para o empresário, os “profissionais apaixonados e profundos conhecedores de música e os animadores especiais” são a principal marca que diferencia a nova rádio e serão essenciais para o seu sucesso. Montez destaca ainda a importância que a rádio dará a novos artistas, especialmente em Portugal. “Posso garantir que passaremos pelo menos três músicas novas por semana”, acrescenta. A estação de rádio contará com diferentes programas, em que se poderão ouvir entrevistas, sugestões musicais e *playlists* diversificadas, entre outros.

A apresentação à imprensa das instalações da nova rádio terminou com um *showcase* de Tomás Wallenstein, dos Capitão Fausto, na entrada do edifício. Mas este não foi o único músico a passar pela rua Viriato esta terça-feira. Ao longo do dia, sucederam-se *showcases* em estúdio de vários artistas, entre os quais Alek Rein, Gloden Slumbers, Samuel Úria e Minta & The Brook Trout.

**Texto editado por Inês Nadais**

## **Anexo C: Entrevistas a jornalistas do PÚBLICO**

### **C.1: ENTREVISTA A VÍTOR BELANCIANO (18/1/2017)**

#### **Há quanto tempo estás no PÚBLICO?**

Vai fazer 20 anos no próximo ano.

#### **E sempre estiveste na secção de cultura a fazer música?**

Sim. Nos primeiros anos estava muito ligado a um suplemento que o jornal tinha na altura, que era o Sons, que era só música, realmente. Passados uns anos, o suplemento desapareceu e surgiu um outro suplemento que misturava as diferentes áreas da cultura, que era o Artes e Ócios, depois o Y, e finalmente este Ípsilon. Sendo que ao mesmo tempo que escrevia sobre música, que era a minha área principal, também abordava outros temas. Sempre escrevi crónicas, também abordava questões de tendências, comportamentos, até de política. Mas sim, sempre ligado à cultura.

#### **Nesse caso, tens visto, ao longo destes anos, muitas alterações no espaço dado à música no jornal?**

Sim. Como te dizia, antes havia o Sons, um suplementa só de música, com entrevistas, artigos... E antes tinha havido um suplemento que penso que se chamava Pop Rock. Estamos a falar da segunda metade dos anos 90, quando acabou deve ter sido nos primeiros anos de 2000. Quando o Ípsilon foi implementado, a música perdeu espaço, porque tinha que coabitar com outras áreas. E sinto que sim, que evidentemente ao longo dos anos, não só a música, mas outras áreas da cultura, foram perdendo espaço no jornal. Acho que não é uma tendência que não é do interior aqui do PÚBLICO, é uma tendência genérica. Essencialmente no espaço de crítica, penso, já que continua a haver muitos textos de apresentação, reportagens... O lado mais

crítico, seja crítica de discos ou de concertos, por exemplo, nota-se imenso que isso se perdeu, tendo em conta que no jornal PÚBLICO sempre houve essa relação entre os suplementos e o diário. Portanto, acho que as duas coisas não são desconectadas. Ou seja, por exemplo, a crítica de concertos aparece sempre no diário. Ao longo dos anos isso também se foi transformando, numa altura em que no diário tudo o que tinha a ver com uma lógica de concertos semanais, seja entrevistas ou promoção de concertos, transitava imediatamente para as páginas de cultura. Hoje em dia, há um lado mais ambíguo, mais misto, nessa relação.

**Parece-te que essa tendência de diminuição da atenção à música no PÚBLICO se verifica noutros jornais portugueses?**

Acho que em Portugal e em todo o mundo, na verdade. Tendo em conta que Portugal é um mercado com especificidades, como é evidente que todos têm as suas singularidades, enquanto em mercados europeus como França, Espanha, sem falar de um caso mais singular como é Inglaterra, existem ou existiram imensas publicações só dedicadas à música – nos últimos anos as coisas foram-se transformando muito com a própria indústria da música e a chegada da internet- portanto de alguma forma era como se nesses países não fizesse tanto sentido os jornais generalistas terem tanto espaço dedicado à música, no caso de Portugal durante muitos anos havia um jornal dedicado à música, o Blitz, em que cheguei a trabalhar antes de vir para aqui, mas depois esse jornal desapareceu, portanto faz sentido que os jornais generalistas dêem esse espaço à música, porque realmente não havia publicações que apontassem para aí.

**O que é que no PÚBLICO define que um determinado artista mereça ou não ser falado?**

Há dois vectores principais, na minha visão. Um é a sua relevância artística. Claro que, quando falamos de relevância artística, estamos a falar de um quadro sempre subjectivo, de uma avaliação subjectiva, mas para mim é esse o elemento

principal. Depois, existe um outro elemento que acho muito importante que é, à falta de melhor definição, um quadro sociológico que tem a ver com aquilo de que as pessoas gostam e às quais o jornal tem de dar atenção, não que necessariamente porque tenham uma validade do ponto de vista artístico mas porque há um enquadramento sociológico, tem impacto na sociedade, e isso faz-nos olhar para aquele objecto tentando perceber por que é que tem impacto e relevância.

**Falando dessa questão avaliativa: consideras-te mais crítico ou jornalista de música? No caso de fazeres uma distinção entre ambos.**

Não sou um jornalista no sentido mais convencional do termo. Acho que sou várias coisas, aliás, sempre fiz várias coisas no jornal, com o que isso tem de singular. Sendo jornalista de música, também escrevo sobre outras coisas, e nem sequer estamos a falar daquilo que é a minha experiência hoje em dia, porque escrevo imenso sobre assuntos que não são da cultura, tendo em conta que desde que o jornal se tornou digital, houve uma série de lógicas novas que o jornal introduziu e nas quais participo no meu trabalho diariamente. Uma vez em que aconteceu isso foi, por exemplo, a morte do Fidel Castro, em que produzi imensas coisas sobre ele. Por isso nunca fui um jornalista no sentido mais clássico do termo, sempre fui uma personagem um bocadinho singular com alguma habilidade, também escrevo crónicas e por aí fora. Mas não consigo escolher, não vejo que tenha que escolher entre ser crítico ou jornalista, porque sou realmente as duas coisas, não há nenhuma ambiguidade nesse campo. Assumo esses dois papéis, que evidentemente se cruzam. Acho que com a chegada da internet o papel da crítica se transformou imenso. No meu caso - isto não é uma leitura transversal a todos os críticos - acho que a crítica é um espaço de imensas diferenças, e mais do que dar opinião, dar notas, acima de tudo os críticos devem enquadrar o objecto nas diversas formas para que quem está a ler se sinta incluído. Essa é a função hoje em dia de um crítico e, na verdade, também de um bom jornalista cultural, que deve reflectir e não apenas reproduzir qualquer coisa. É também saber pensar sobre aquilo que lhe é dado.

**Nesse caso, a internet veio alterar muito o panorama do jornalismo cultural, não só em Portugal mas no geral?**

Acho que sim. Costumo dizer meio a brincar que o jornalismo *tout cours* atravessou duas crises na última década, que têm a ver com o modelo económico e com a crise global, sistémica, financeira... acho que no caso do jornalismo cultural estamos a passar por três crises, essas duas e uma terceira que tem a ver com a fragmentação, o estilhaçar não só de expressões culturais, mas da forma como consumimos a cultura, como a distribuímos e criamos, e de que forma é que o jornalismo pode lidar com isso. Acho que o jornalismo cultural pode, sem perder aquilo que é a sua raiz identitária e mais do que impondo juízos deterministas, tentar enquadrar de uma forma inclusiva o que se está a escrever. Portanto sim, acho que antes da internet havia uma espécie de hierarquização em que os jornalistas se punham acima do leitor, até porque tinham acesso muito mais facilitado aos objectos culturais. A partir do momento em que com a internet as coisas se tornam diferentes desse ponto de vista, até porque hoje em dia descarregamos discos e filmes ao mesmo tempo que o crítico, acho que acima de tudo o que tem que se fazer é enquadrar o objecto e dar-lhe um sentido.

**Centrando-nos na crítica: notas algum tipo de pressão por parte das editoras discográficas quando há um lançamento de um disco e tens de fazer uma crítica ou um artigo sobre esse trabalho?**

Isso faz parte da nossa actividade. É claro que existem sugestões, mas a última palavra é sempre do crítico, ou supostamente deveria ser assim. No meu caso, já aconteceu até ao contrário: ser eu a propor muitas vezes. Por exemplo, lembro-me que com o Benjamin Clementine, a editora em Portugal nem sequer sabia que ele existia. Falei com a Universal portuguesa e disse: “eh pá, este disco vai sair em França, vou pegar nisto”. E eles nem sabiam o que era. Isto aconteceu-me imensas vezes ao longo da minha actividade.

**Digamos que nesta situação, é o crítico a marcar o gosto...**

Sim. Sem querer parecer convencido, isso aconteceu-me.

**E é também “marcar o gosto”, para ti, o papel do jornalismo cultural?**

Isso aconteceu de uma forma involuntária, eu não tinha essa preocupação. Por exemplo, no caso dos Buraka Som Sistema, em que puxei muito por aquilo e criei ali uma narrativa sobre eles que fez escola, por assim dizer. Mas quando peguei nisso não pensava que ia ter aquele impacto. É partir para um campo de trabalho em que não se sabe o que vai acontecer. É completamente diferente fazer um artigo sobre os Rolling Stones, sobre quem já foram feitos 50 mil, ou partir para uma coisa a partir do zero.

## **C.2: ENTREVISTA A MÁRIO LOPES (18/1/2017):**

### **Há quanto tempo estás no PÚBLICO?**

Doze anos.

### **Durante esse tempo tens visto muitas alterações em relação ao espaço dado à cobertura de música no jornal?**

Não necessariamente. No início havia mais espaço, como havia para as outras artes, porque quando entrei existiam dois suplementos: Mil Folhas e Y, sendo que a música tinha mais espaço neste último. A questão é que ao serem dois suplementos e o Mil Folhas estar mais atento à literatura, o Y era mais virado para cinema e música, e assim obviamente havia mais espaço, além de que tinha mais páginas do que agora. Nesse sentido, havia mais espaço editorial, porque além de haver mais páginas, eram dois suplementos. No jornal diário, o espaço era razoavelmente o mesmo

### **Que diferenças encontras em relação ao tratamento de música no PÚBLICO e noutros jornais?**

Preferia focar-me mais no nosso trabalho (*risos*). No PÚBLICO temos que fazer algo que não é muito normal noutros países onde existe imprensa especializada mais forte e com mais diversidade. *Online* vai havendo mais, mas dentro dos grandes jornais ou publicações especializadas em música que tenham publicação em banca, não temos assim tanto em Portugal. Então o que o PÚBLICO – o Ípsilon – faz é ter que jogar em quase dois planos diferentes que é, por um lado, estar atento àquilo que é inevitável e obrigatório cobrir, pelo seu mediatismo e protagonismo e, ao mesmo tempo, estar a dar pistas do futuro ou tentar perceber aquilo que está a borbulhar além desse *mainstream*. E isso é um equilíbrio que nem sempre é muito habitual e pode não ser fácil de gerir, mas temos tentado fazê-lo da melhor maneira.

**Que tipo de artigos te costumam pedir mais: mais sobre algo que vai acontecer ou a adivinhar o futuro?**

Há um equilíbrio entre as duas coisas. Nós procuramos, acima de tudo, contar histórias que sejam relevantes quer por aquilo que reconhecemos como qualidade das pessoas ou bandas, quer pelo impacto que de alguma forma vamos vendo em relação àquilo que fazem. Está equilibrado. Por exemplo, não vamos fazer uma história sobre os U2 só porque eles têm um novo disco. Se houver uma história para contar que achemos interessante, ou se o disco for extraordinário, isso vale a pena. De resto, para nós é tão importante fazer essa tal história sobre os U2 como escrever sobre uma banda que está agora a começar de cinco amigos da Graça que estão a fazer alguma coisa relevante e a reunir gente à volta deles.

**Falando de qualidade, o que é que determina que um certo artista ou que um trabalho possam ser falados?**

Isso parte de uma análise que não é necessariamente objectiva, nem pode ser. Parte daquilo que é a sensibilidade da equipa que temos no jornal, de tentar aperceber-se, segundo os nossos critérios de gosto e a experiência que vamos tendo ao longo dos anos, de sinais dessa qualidade. Mas não há uma grelha que ajude a perceber ou um Excel para preencher que diga “este vale a pena e aquele não” (*risos*). Nasce da análise que achamos justa, mas que obviamente é subjectiva, de cada um de nós.

**Nesse caso, para ti qual é o papel do jornalismo cultural, sobretudo do de música, neste momento?**

Acho que não mudou assim tanto em relação à sua função e os seus objectivos desde sempre que são, basicamente, dar conta da vitalidade ou falta dela no panorama cultural que nos rodeia, e tentar perceber como é que a criatividade se manifesta e relaciona com o mundo em volta, tentar identificar aquilo que são linguagens únicas e que nos parecem importantes para acrescentar algo àquilo que já

existe ou que possam ter um efeito multiplicador sobre quem ouve. Por exemplo, demos destaque a um colectivo como a Cafetra, que estava mesmo no início e era muito pequeno e circunscrito, porque nos parecia que havia ali potencial e talento para aquilo ser um polo dinamizador de uma série de outras pessoas, de pessoas mais novas que se iam sentir entusiasmadas com isso. E de certa forma o tempo acabou por nos dar alguma razão, porque agora há uma série de outras pessoas com menos cinco anos que o pessoal da Cafetra que estão a fazer uma série de coisas de norte a sul do país e que se dizem influenciados por eles. Esse é um exemplo.

**E achas que a internet e as redes sociais vieram alterar muito o panorama do jornalismo cultural, especialmente o de música?**

Sim. Por um lado veio acrescentar mais camadas de leitura, multiplicou os espaços de opinião e de reportagem, o que é sempre salutar. A função do crítico ou do jornalista que escreve sobre música mantém-se igual, mas é impossível, e se calhar isso não é negativo, que tal como acontecia nos anos 80, e até nos inícios dos 90, que o crítico seja uma espécie de grande juiz daquilo que interessa ou não. Isso deixou de existir, e não me parece que isso seja necessariamente mau. As funções continuam a ser as mesmas, o que acontece é que agora já não se olha para quem escreve sobre música em espaços de grande divulgação como o PÚBLICO, o Expresso ou outros, como as únicas fontes. Se calhar exige um esforço maior para nos diferenciarmos e oferecermos algo mais.

**No PÚBLICO, parece-te que se dá uma maior importância à música na edição impressa, incluindo suplementos, ou na edição *online*?**

Está equilibrado entre os dois. Nós já não pensamos muito nessa divisão. Obviamente que no *online* o espaço é ilimitado e no papel não, portanto o papel é uma selecção daquilo que publicamos todos os dias no online. Tudo o que está no papel está no online, portanto necessariamente o *online* tem mais coisas, mas tem só a ver com limitações de espaço.